

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Carta da Sagrada Congregação dos Religiosos sôbre a nova Sede da C. R. B.	449
Decreto da Sagrada Congregação dos Religiosos aprovando os novos Estatutos da C. R. B.	450
Os problemas da Cinematografia moderna <i>Carta de Mons. Dell'Acqua ao Presidente da O. C. I. C.</i>	451
O Sacerdócio na Conferência Geral do Rio de Janeiro <i>Mons. Antônio Samoré, Arceb.</i>	455
Intensifiquemos nosso trabalho entre os pobres <i>Pe. Frei Romano Koepe O. F. M.</i>	468
Colaboração das Obras das Religiosas com a Paróquia e a Diocese <i>Irmã Sylvia Maria Villac M. J. C.</i>	477
Celebrando aureo jubileu <i>Pe. Sebastião Maria Martins ss. cc.</i>	492
Cinquenta anos de atividades das Cônegas de Santo Agostinho no Brasil <i>por uma Cônega de S. A.</i>	497
Comunicações e crônicas	501
Correspondência das Secções Estaduais da C. R. B.	509
Novas Fundações	510
Bibliografia	511

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil
Rua Farani N.º 95 — Rio de Janeiro — Brasil
Diretor Responsável: Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.

**SACRA CONGREGATIO
DE RELIGIOSIS**

Roma, 6 de Junho de 1957

Prot. 01561/57.

Revmo. Sr. Dom Abade,

A S. C. dos Religiosos é pontualmente informada acêrca das atividades e iniciativas da Conferência dos Religiosos do Brasil. Seu campo é realmente vasto e sua tarefa é imensa. Mas longe de diminuir seus esforços com o passar do tempo, ela parece desejar torná-los sempre mais vigorosos e eficientes. De tudo isso nos alegamos e convosco nos congratulamos sinceramente.

Tendo tido notícia de que pretendeis adquirir um local próprio, uma sede social definitiva, que será como que o lar de vossa Conferência, a S. Congregação só pode aprovar tão louvável iniciativa e encorajar vivamente todos os Institutos, que fazem parte da Conferência brasileira, a responderem generosamente ao apêlo que lhes será dirigido pela Diretoria de vossa organização. Contribuir largamente para esta empresa será não só fazer coisa útil e necessária no interêsse das Famílias religiosas do Brasil, como também dar às organizações dos outros países um belo exemplo de solidariedade. Tereis, sem dúvida, ocasião de submeter êste projeto à Assembléia dos Superiores Maiores, no próximo mês de julho.

Temos a satisfação de apresentar-vos, bem como a todos os vossos colaboradores, junto com nossos agradecimentos pelo trabalho feito até agora, nossos sinceros votos pelo feliz resultado desta iniciativa, permanecendo religiosamente,

devotado em Nosso Senhor

(ass.) Pe. Arcádio Larraona

S. Ê. R.

Dom Martinho Michler, O. S. B.

DD. Presidente da C. R. B.

Rua Farani, 95

Rio de Janeiro — Brasil

**SACRA CONGREGAZIONE
DEI RELIGIOSI**

01561/57

D E C R E T U M

Sacra Congregatio negotiis religiosorum Sodalium praeposita, de maiori in dies Conferentiae Religiosorum in Brasilia profectu sollicita, novis eiusdem Statutis cum insertis additionibus praesertim quae ad Sectiones in Foederatis Brasiliae Statibus erigendas spectant rite examinatis, eadem nova Statuta Consociationis v. d. Conferência dos Religiosos do Brasil, iuxta textum autographum in Archivo huius S. Dicasterii servatum, omnibus mature perpensis, adpropanda esse statuit, uti de facto, praesentis Decreti tenore, adprobata declarat ad quinquennium, experimenti causa, quo elapso, erunt iterum Sacrae Congregationi subiicienda pro eorum revisione ac ulteriori confirmatione.

Contráriis quibuslibet non obstantibus.

Datum Romae die 6 Junii A. D. 1957.

L. S.

(Ass.) P. Arcadius Larraona

* * *

D E C R E T O

A Sagrada Congregação dos Religiosos, solícita do progresso cada vez maior da Conferência dos Religiosos no Brasil, tendo convenientemente examinado seus novos Estatutos com as modificações introduzidas, especialmente as que dizem respeito à fundação das Secções nos Estados Federados do Brasil, ponderado tudo com prudência, deliberou aprovar os mesmos novos Estatutos da Associação vulgarmente chamada Conferência dos Religiosos do Brasil, como de fato, pelo teor do presente Decreto, os declara aprovados, para experiência, por um quinquênio, findo o qual serão novamente submetidos à Sagrada Congregação para sua revisão e ulterior aprovação.

Nada havendo em contrário.

Roma, aos 6 de junho de 1957.

OS PROBLEMAS DA CINEMATOGRAFIA MODERNA

Carta de Mons. Dell'Acqua ao Presidente da OCIC (1)

Os próximos "Encontros Internacionais de Estudos", organizados pelo Serviço Católico Internacional do Cinema (O. C. I. C.), serão realizados pela primeira vez em terras de América, em La Havana, e a instituição que vós presidis encontrará neles uma nova possibilidade de estender seu campo de atividade. Devemos nos felicitar porque os problemas morais e culturais postos no mundo pelo cinema requerem em nossos dias uma ação conjunta dos católicos. Aliás, a Santa Sé, enviando um Observador a êsses Encontros que serão realizados sob a presidência de Sua Emcia. o Cardeal Arteaga e Betancourt, quer demonstrar o interêsse que tem por vossos debates, e eu me sinto pessoalmente honrado em tornar-me junto de vós o intérprete dos votos paternais de Sua Santidade.

Não é só uma proteção negativa.

Certamente não se pode dizer que, pela difusão da cotação moral dos filmes, a Igreja exerce sòmente uma orientação negativa. Dêsde logo, por suas normas diretivas, forma a consciência dos fiéis, orienta a escolha e favorece o êxito dos filmes de valor. Porém não é menos certo que esta ação necessária exige ser acompanhada de um esforço de educação pròpriamente dito. Eis porque vossa próxima Assembléia, que se segue aos encontros de Colônia e de Dublin, estudará as chamadas agremiações de

(1) Carta dirigida por Mons. Dell'Acqua, da Secretaria de Estado de S. Santidade, ao Presidente da O. C. I. C., por ocasião dos Encontros Internacionais de Estudos sôbre o Cinema, realizados em La Havana a 4 de dezembro de 1956 (L'Osservatore Romano 5-1-1957).

Cultura Cinematográfica e sua influência sôbre a distribuição e produção dos filmes.

Definir e propagar uma verdadeira cultura cinematográfica é uma tarefa à qual já se dedicam os católicos em muitos países. Fazendo assim, continuam fiéis às tradições da Igreja, que é independente das formas particulares e transitórias de civilização, porém sempre mais pronta a favorecer os genuínos progressos das artes e das ciências. E se é verdade que o filme oferece ao mundo contemporâneo um novo modo de expressão artística e de educação coletiva, os filhos da Igreja, mais do que os outros, estão preparados para orientá-lo para seu fim verdadeiro e preservá-lo dos perigos do êrro e do desvio. Fortes dêsse são otimismo que já levava o Apóstolo a aceitar “tudo o que é justo, tudo o que é puro... tudo o que é digno de elogio” (cfr. Phil. 4, 8), êles sustentarão sem fraqueza que no domínio do cinema, como em qualquer outro domínio, não há cultura que não precise ser colocada “ao serviço do homem, para ajudá-lo a manter e realizar a afirmação de si mesmo no caminho da retidão e do bem” (Discurso de 21 de junho de 1955 — AAS., t. 47, pág. 511).

A formação cinematográfica.

Na aplicação dêstes princípios é necessário desejar que se multipliquem, tanto nas escolas como nos círculos de jovens e adultos, numa forma adaptada às várias regiões e aos diferentes meios sociais, essas agremiações de cultura cinematográfica que estão na ordem do dia de vossa Sessão. Mediante o desenvolvimento do sentido crítico, mediante o aprimoramento do gôsto e a elevação do nível cultural, essas agremiações podem prestar imensos serviços; elas ensinam a dominar o desenvolvimento de um filme — graças a essa “energia espiritual” e a essa “reserva interior” de que fala o Santo Padre — a deduzir, através da linguagem melhor compreendida da imagem, a projeção estética, intelectual e moral dêsse filme: numa palavra, a julgá-lo e usar dêle como homem e como cristão.

A formação dos animadores de tais agremiações tem aqui uma importância decisiva, e nunca será demais insistir sôbre suas responsabilidades de educador e sôbre as exigências de sua tarefa. Particularmente lógico é que não se pode obter o fim proposto, se fôr negligenciada, no julgamento de um filme, a apreciação moral dada pelos organismos eclesiásticos competentes. Sôbre êste ponto, o Santo Padre exorta os membros destas agremiações de cultura a tomar em grande consideração, nas análi-

ses e nas discussões, a classificação moral. A qual não é uma censura que se impõe exteriormente, mas um elemento constitutivo do juízo de toda consciência cristã bem formada. Com mais razão será inadmissível apresentar a certas categorias de espectadores, sob pretexto de estudo, filmes declarados maus e nocivos para eles, e mais ainda projetar a crianças filmes reservados aos adultos. A verdadeira cultura cinematográfica não poderá ser concebida à margem das leis da moral.

Influência da opinião pública na produção.

Se, pelo contrário, se consagram — graças a uma formação séria e metódica dos fiéis — a preparar uma opinião pública católica disciplinada e exigente, pela qualidade artística e moral dos filmes, não será possível que tal esforço não encontre o apóio de todos os homens de boa vontade, desejosos de moralizar os espetáculos, de elevar seu nível e de pôr com resolução a arte cinematográfica ao serviço dos mais altos valores da cultura e da civilização. O Santo Padre frequentemente tem salientado a importância atual da opinião pública; no que concerne ao cinema, ela é capaz de exercer uma influência muito mais decisiva sobre a acolhida feita a tal ou tal filme e, por conseguinte, atuar sobre sua própria produção. Não se pode dizer que, na maior parte, um público tem os filmes que merece?

Responsabilidade de todos e de cada um.

Que cada um, pois, pergunte a si mesmo, sobre seu próprio dever, e compreenda a grave advertência que ao Chefe da Igreja ditou Sua solicitude para a multidão de homens, de mulheres, de jovens e de crianças que frequentam aos milhões os cinemas: “Num amanhã de decadência espiritual e cultural — Ele observa — do qual seria corresponsável a liberdade não disciplinada dos filmes, quão grande repreensão não viria à sabedoria dos homens de hoje, como àquêles que não souberam dirigir um instrumento tão apto a educar e elevar os ânimos, e pelo contrário deixaram que se transformasse num meio de difusão do mal!” (Disc. de 28-10-55 — AAS., t. 47, pág. 817). Este pensamento deve estimular as energias, a fim de despertar a consciência dos cristãos sobre a importância e urgência de seus esforços, para que dêse modo determine claramente seu fim. Além do benefício pessoal que cada um pode tirar da frequência dos grêmios de cultura cinematográfica, trata-se de nossa responsabilidade coletiva sobre

a produção dos filmes e de nosso dever de suscitar um constante melhoramento.

Sua Santidade de todo coração anima a todos aquêles seus filhos que se dedicam generosamente a êste setor de atividade católica, em plena harmonia com as diretrizes do episcopado local e sob a direção dos centros nacionais do cinema. Que recebam como dirigida a êles mesmos essa garantia que o Santo Padre deu aos produtores de bons filmes: "Tendes convosco — dizia-lhes — o consentimento e a aprovação de todos aquêles que têm um juízo são e uma vontade reta e, sobretudo, a aprovação de vossa consciência" (AAS, t. 47, pág. 506). Como prova também de Sua própria e paternal aprovação, Sua Santidade lhes envia de bom grado, como a vós mesmo, a vossos colaboradores do Serviço Internacional do Cinema, aos organizadores e a todos os participantes dos Encontros de Estudos de La Havana, o confôrto da Bênção Apostólica.



O SACERDÓCIO

NA CONFERÊNCIA GERAL DO RIO DE JANEIRO (*)

Mons. Antônio Samoré, Arcebispo
Secretário da Sagrada Congregação dos
Negócios Eclesiásticos Extraordinários

Genealogia de Santos.

Ao encontrar-me aqui entre vós, caros Sacerdotes, meu pensamento se dirige, com religiosa veneração, a quantos vos precederam no estado sacerdotal, deixando exemplos luminosos de virtude, de zêlo, de vida santa: desde o Apóstolo São Tiago, Santo Isidoro, São Leandro, ao B. Mestre de Ávila, vosso celestial Padroeiro, a São Vicente Ferrer, São José Oriol, Santo Antônio Maria Claret.

Como esquecer aquêles que, deixando esta terra de Santos, confirmaram com sua santidade o cristianismo nascente do Novo Mundo? Seu nome compreende um período inteiro de labores heróicos para dilatar os confins do Reino de Cristo: São Turíbio de Mogrovejo, São Francisco Solano, São Pedro Claver, São Luís Beltran, o venerável José de Anchieta.

Muitos outros, e não se podem contar, viveram de tal modo que depois lhes foi possível repetir com tôda sinceridade: "Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi. In reliquo reposita est mihi corona justitiae quam reddet mihi Dominus in illa die iustus iudex" (1).

Todos êles, queridos Congressistas, constituem vossa genealogia espiritual: cópias perfeitas de Jesus Cristo, "nos tempos passados demonstraram luminosamente com suas grandes obras de quanto é capaz nêste mundo o poder da graça divina" (2).

São modêlos que deveis imitar, conforme o conselho de São Paulo:
"Aemulamini autem charismata meliora" (3),

(*) Conferência proferida no Congresso de Perfeição e Apostolado, realizado em Madrid de 24 de Setembro a 3 de Outubro de 1956.

1) 2 Tm., IV, 7-8.

2) "Menti nostrae", A. A. S., vol. XLII, 1950.

3) I Cor., XII, 31.

“Bonum autem aemulamini in bono semper” (4), e seguindo também a exortação de um vosso grande Santo citado anteriormente: “assim, pois, quem quiser ser útil às almas do próximo e edificá-lo com suas palavras, procure primeiramente ter êle mesmo o que deverá ensinar aos outros; de outro modo pouco aproveitará” (5).

Neste mesmo fundamento, na ininterrupta tradição da santidade da Igreja, encontra sua última razão de ser o “Congresso Nacional de Perfeição e Apostolado” que hoje vos congrega com a finalidade de estudar os meios mais aptos para aumentar e tutelar cada vez mais vossa santificação pessoal, e para colocá-la ao serviço de todo o povo cristão a vós confiado, em qualquer campo de vosso apostolado, da paróquia aos Seminários, Institutos de Educação, Exercícios Espirituais, obras sociais e de apostolado leigo.

Tendo em vista esta nobilíssima finalidade, vosso Congresso vem a ocupar um lugar de destaque entre os muitos já celebrados, de modalidades diferentes, os quais não deixaram de dar à Igreja frutos copiosos.

Entre êles deve-se enumerar a “Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano”, que, como é por demais conhecido, foi celebrada no Rio de Janeiro de 25 de julho a 4 de agosto de 1955, nos dias que se seguiram ao último e grandioso Congresso Eucarístico Internacional.

Dita Conferência reuniu os representantes do Episcopado de todos os Países latino-americanos, para estudar a fundo sobretudo o problema “Clero”.

Já tive o prazer de falar em outra para mim gratíssima palestra, dos fins e frutos da mencionada Conferência. Agora me limito a apresentar-vos, ainda que em forma sintética, a figura do Pároco e dos Superiores de Seminários, o apostolado dos leigos e os meios modernos de propaganda e umas outras disposições tais como resultam das conclusões daquela Conferência e que tocam mais diretamente ao Sacerdote e a seu ministério no mundo de hoje.

I — OS PAROCOS.

a) Conceitos fundamentais.

As normas estabelecidas por aquela Conferência Geral a respeito da atividade paroquial bem podem ser consideradas como um breve, mas denso, capítulo de teologia pastoral.

4) Gal., IV, 18.

5) Da carta de Sua Santidade Pio XII ao Arcebispo de Valença por ocasião do V Centenário de São Vicente Ferrer: em “Ecclesia”, n.º 729, de 2 de julho de 1955, pág. 6.

Não se pode menosprezar, com o fim de obter um mundo melhor e de cultivar jardins de almas que vivam na graça de Deus, a importância e o valor que tem a Paróquia e que tanto fazem ressaltar os Bispos latino-americanos, quando afirmam, segundo os ensinamentos Pontifícios, que ela é “célula básica do Corpo Místico de Cristo, . . . centro propulsor e coordenador do apostolado para o pleno e harmônico desenvolvimento de toda a ação apostólica” (6).

A ela, a paróquia, deve por isso mesmo ser dirigida qualquer outra atividade que se desenvolva dentro de seu âmbito; só assim à vitalidade desta “célula” corresponderá sempre uma maior vitalidade de todo o Corpo.

Quando hoje se fala, meus queridos sacerdotes, da união das forças religiosas e das associações de apóstolado — e sobre este ponto vos falarei na sessão geral — nosso pensamento vai necessariamente ao campo paroquial: porque, na realidade, quando as células estão vivas, operantes e em harmonia, se aumenta a beleza, eficiência e eficácia de todo o organismo em sua projeção diocesana, nacional e internacional.

Da união que deve existir entre todas as forças do apostolado se faz eco uma disposição da Conferência do Rio de Janeiro, na qual se afirma que “é imprescindível a elaboração em cada Diocese, por parte dos Bispos, de um ordenado programa de apostolado, tomando sempre como base o plano cheio de sabedoria e experiência contido no Código de Direito Canônico, e tendo também em conta o auxílio eficaz que podem prestar os religiosos e religiosas” (7).

De tal modo, na realização do programa de apostolado estabelecido por um Bispo ou por um grupo de Bispos — em agrupamento regional, nacional e até continental — não se inutilizam nem se dispersam perigosamente forças, no trabalho, mutuamente coordenadas, em campos de atividades específicas.

Programa de apostolado, tenho dito, não com o afã de clamorosa novidade, mas com fidelidade aos ensinamentos e disposições canônicas da Igreja, cujas raízes profundas se nutrem do exemplo e palavras de Jesus e dos Apóstolos.

E' por vós conhecido, meus queridos Congressistas, como o Papa num de seus últimos discursos, sempre tão cheios de sábio ensinamento, dirigido aos participantes da VI Semana Italiana de Atualização pastoral,

6) Conclusões da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Rio de Janeiro, 25 de julho a 4 de agosto de 1955), n.º 55.

7) Conclusões citadas, n.º 54.

cujo tema foi: “A palavra de Deus na Comunidade Cristã” (8), incita em “haurir da pregação de Cristo a mais alta direção e a regra suprema para a “Orientação pastoral” e a “Atualização pastoral”.

Muito conforme a êste pensamento da Igreja é o que a Conferência do Rio de Janeiro aprovou numa de suas conclusões: “A Conferência acha oportuno lembrar como idéia básica nesta matéria, que a forma tradicional da cura de almas continua sendo insubstituível e que, por conseguinte, deve ser mantida e fortalecida, adaptando-a às exigências do presente momento, sem deixar de recorrer aos meios novos aprovados como eficazes na obra de evangelização e às formas extraordinárias de apostolado que pareçam aconselháveis” (9).

O Santo Padre, no citado discurso, nos dá a chave para saber como devemos entender a necessidade de adaptar a nossos tempos os sistemas de apostolado perante os novos inventos da ciência, arte e técnicas modernas, quando afirma: “A Nós importa tornar mais consciente e reforçar a convicção pessoal da necessidade de tomar e manter êste contacto com o magistério da Igreja, para torná-lo de tal modo adaptado ao tempo e ao homem contemporâneo. A Igreja possui em si as armas que Cristo lhe deu: a verdade de Cristo e o Espírito Santo. Assim armada, ela tem sua mão no pulso do mundo, e os fiéis devem ter as suas no pulso da Igreja, para serem retamente orientados e poderem encontrar e dar um diagnóstico e o prognóstico certo sôbre o tempo acêrca da eternidade” (10).

Nesta norma, tão sàbiamente traçada, sem perigo de equívocos, fundam-se as mencionadas conclusões da Conferência do Rio de Janeiro, num setor tão importante e delicado qual é o da organização da cura de almas.

Em virtude de vosso esforço os fiéis “devem por sua mão no pulso da Igreja” para sentir-se completamente seguros de seu patrimônio espiritual e religioso.

b) — A tarefa do Pároco.

Os Párcos, como cooperadores, em sua respectiva esfera, do Bispo, sob cuja autoridade exercem a cura de almas (11), são os que mais direta-

8) Discurso de Sua Santidade Pio XII aos participantes da VI Semana Nacional de “atualização” pastoral; em “L'Osservatore Romano” de 15 de Setembro de 1956; Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil, n.º 19, págs. 3-12.

9) Conclusões citadas, n.º 53.

10) Discurso citado, l. c.

11) Cfr. can. 451, § 1, e Discurso de Sua Santidade Pio XII aos Párcos e Quaresimallistas de Roma: A. A. S., vol. XLV, 1953, pág. 239.

mente o ajudam no exercício de seu tríplice poder. E sob êste aspecto a Conferência Geral do Rio de Janeiro considera a missão de santificar, de ensinar e de governar que o Pároco deve desempenhar para o progresso espiritual de seus fiéis.

E' um convite eficaz ao emprêgo dos meios insubstituíveis de santificação, de ensino e de govêrno.

Santificar. Como?

- a) Com a administração assídua dos Sacramentos, especialmente da Confissão e da Eucaristia;
- b) Promovendo a assistência frequente e até quotidiana à Santa Missa, com o emprêgo de meios aptos para favorecer a consciente participação dos fiéis ao Santo Sacrificio;
- c) Com um reflorescimento da devoção a Maria Santíssima, Mãe e Rainha do continente americano;
- d) Com a intensificação da vida litúrgica e das genuínas formas de piedade e devoção cristãs, cuidando zelosamente de afastar os fiéis de qualquer prática ou manifestação superticiosa" (12).

Que outra linha de conduta mais singela para merecermos o título de santificadores? A exemplo dos Santos, que nos precederam, nossa obra, queridos sacerdotes, encontra no cumprimento das mencionadas prescrições o motivo mais profundo e sua íntima razão de ser. São Paulo admoesta: "Sic nos existimet homo, ut ministros Christi et dispensatores mysteriorum Dei. Hic autem quaeritur inter dispensatores: ut fidelis quis inveniatur" (13):

Ensinar.

O objeto do ensino é "instruir o povo nas verdades da fé e nos preceitos da moral, para que a mensagem de Cristo seja amplamente conhecida por todos" (14).

Como conseguir tão nobre objetivo?

- a) Por meio da pregação metódica, clara e adequada da palavra de Deus, sobretudo na homelia da Santa Missa, e mediante cursos, missões, novenários, meses marianos, e do Sagrado Coração, etc., sabendo que se quisermos resolver o gravíssimo problema da ignorância religiosa, a pregação há de ser didática por excelên-

12) Conclusões citadas, n.º 56, 1.

13) I Cor., IV, 1-2.

14) Conclusões citadas, n.º 56, 2.

cia, com uma tendência firme e decidida a dar ao povo uma idéia clara da doutrina católica e um conhecimento da moral, de tal forma que os fiéis conheçam bem o que devem crer e o que devem praticar;

b) Por meio da catequese” (15).

A êste propósito a Conferência chama a atenção de todos sôbre a **necessidade** de observar as disposições da “sábria e fecunda legislação canônica” (16) e do Decreto “Provido sane” da Sagrada Congregação do Concílio (17) sôbre a conveniência de “recorrer a todos os meios aptos, aconselhados pela experiência, para organizar melhor e tornar mais efetiva a obra catequética nas Dioceses e Paróquias, sugerindo em particular:

- a) a edição e distribuição de catecismos, que possam servir de texto único e que tenham em conta as exigências do método cíclico intuitivo, conforme as conquistas da moderna pedagogia catequética;
- b) a organização, em caráter diocesano se possível ou ao menos nacional, de Centros Catequéticos;
- c) a instituição do “Dia do Catecismo” ou festa da Doutrina Cristã, que deve ser celebrado com a maior solenidade e esplendor;
- d) a constituição de Escolas Catequéticas... e onde isso não seja possível, a organização de cursos para preparar catequistas que, além dos sacerdotes e religiosos, possam auxiliar o pároco no ensino do Catecismo;
- e) a fundação em todos os Seminários Maiores, conforme as disposições do Código de Direito Canônico, de catedras de Pedagogia Catequética, dando-lhes a importância relevante que têm, e procurando que os estudos sejam verdadeiramente frutuosos”.

E finalmente chama a si mesma a atenção sôbre a **obrigação**, “de cuidar que nas escolas e colégios católicos se dê a devida importância às aulas de religião, e de aproveitar também de tôdas as possibilidades para organizar o ensino religioso ainda nas escolas e colégios que não dependem da Autoridade Eclesiástica” (18).

15) *ib.*, n.º 56, 2 a), b).

16) *Can.* 1.329-1.336; 711, § 2.

17) *A. A. S.*, XXVII, 1935, págs. 145-154.

18) *Conclusões citadas*, n.º 57, 2 e 3.

Governar.

E aqui as disposições de que nos ocupamos põem o pároco sobretudo perante a responsabilidade concreta que lhe incumbe e da qual o Senhor, "iustus iudex" (19), pedir-lhe-á estrita conta.

Por isso as medidas que se referem ao govêrno têm um tom muito mais resolvido:

- a) fazendo cumprir, com a firmeza e prudência necessárias, as disposições da Igreja;
- b) organizando e orientando para objetivos concretos as Associações paroquiais;
- c) preparando e formando apóstolos seculares, abnegados, decididos e entusiastas, capazes de realizar com êxito as atividades, em bem das almas, que correspondam aos leigos, e de opor-se com eficácia às fôrças do mal;
- d) preocupando-se com particular afinco em fomentar, descobrir e cultivar as vocações ao estado eclesiástico e religioso" (20).

Da intensidade com que se desempenha esta tríplice missão derivam as esperanças mais fundadas de poder recolher abundantes frutos de santidade individual, familiar e social, formando dêste modo o ambiente mais propício para o nascimento e desenvolvimento das vocações ao estado sacerdotal e religioso, em favor dos quais a Conferência Geral, fazendo-se eco da grave preocupação pastoral daqueles Bispos, chama fortemente a atenção dos Párocos, sôbretudo quando "urge a fundação em tôdas as Paróquias — sempre que fôr possível — da Obra das Vocações Sacerdotais, afiliada à Obra Pontifícia através do competente organismo diocesano" (21), para levar a cabo as iniciativas que são peculiares à mencionada Obra, ou quando exorta a "dar impulso à fundação do chamado "pequeno clero", a fundar escolas paroquiais, a formar a consciência cristã dos jovens" (22).

No reto desempenho desta missão múltipla, o Pároco encontrará uma poderosa e utilíssima ajuda na "elaboração de oportunas estatísticas religiosas"; donde se segue a necessidade de ter em dia os livros paroquiais e o "De Statu Animarum" (23).

19) 2 Tim., IV, 18.

20) Conclusões citadas, n.º 56, 3.

21) *ib.* Conclusões citadas, n.º 3; *cf.* também "Declaração", em "L'Osservatore Romano", de 9 de outubro de 1955.

22) Conclusões citadas, n.º 4 - 5.

23) *ib.*, n.º 58.

Quão grande e escolhida matéria de meditação se inclui para vós, amadíssimos Párcos aqui presentes, em ordem à eficácia de vosso ministério tão acabrunhador; é sempre de atualidade para todos a advertência evangélica: “Omnis scriba doctus in regno coelorum similis est homini patrifamilias, qui profert de tesouro suo nova et vetera” (24).

II — OS SUPERIORES DOS SEMINÁRIOS

Também os Superiores dos Seminários, que neste Congresso têm sessões especiais em ordem à sua importante função, poderão encontrar nas conclusões da Conferência Geral do Rio de Janeiro algo daquele “nova et vetera”, que manifesta a perene juventude da Igreja, renovada, podemos dizer, com as numerosas levas de jovens que cada ano vêm povoar os Seminários.

O Santo Padre na Carta Apostólica “Ad Ecclesiam Christi”, dirigida à Conferência Geral do Rio de Janeiro, traçava magistralmente o quadro de suas esperanças ao dizer: “Estamos certos de que os zelosos e digníssimos Prelados estudarão os meios mais aptos e eficazes para formar, com apropriada educação, santos ministros de Deus e da Igreja, dispostos para tôdas as boas obras; para conservar incólume no meio de tantos perigos e enganões, como o exige o sagrado ministério, o espírito eclesiástico que deve imbuí-los; e melhor ainda para afervorá-los cada vez mais, de modo que a vida tôda do sacerdote, impelida pela contínua e generosa preocupação de aumentar a piedade e desempenhar perfeitamente seus ministérios diários, apareça livre de vaidades e cheia de perfeição” (25).

Vós, prezados Superiores de Seminários, tratastes dos Seminários Maiores e Menores, e os Bispos da América não deixaram de ressaltar “a importância que têm para favorecer também o aumento das vocações:

- a) o nível, não só espiritual e moral, mas também social e material, dos Seminários, conforme as exigências da higiene e da sã pedagogia;
- b) a preparação literária e científica dos aspirantes ao sacerdócio” (26).

Estais considerando e aprofundando, em sessões sucessivas, temas da maior importância, como são o da “Formação da personalidade do Sacerdote”, “Critérios de formação no aspecto intelectual”, “Formação intelectual do Seminarista”, “Formação litúrgica”, “Piedade vivida”, etc.

24) Matth. XII, 52.

25) A. A. S., XLVII (1955) pág. 542.

26) Conclusões citadas, n.º 6.

Do mesmo modo a Conferência Geral do Rio de Janeiro teve como objeto de exame êstes temas, deduzindo oportunas conclusões relativas à:

- formação espiritual, a fim de que os futuros sacerdotes possam “considerar e valorizar tôdas as coisas à luz de uma profunda e constante visão sobrenatural” (27);
- formação cultural, “profunda e adequada às exigências atuais, para que dêste modo possam com a pregação, a catequese e outras formas de assistência, dissipar as trevas da ignorância religiosa dos povos” (28);
- formação humana, “para que a “perfectio naturae” facilite e favoreça a ação sobrenatural da graça nas almas” (29);
- a imediata preparação para o exercício do ministério pastoral (30), com especial referência aos fundamentos teológicos do apostolado dos seculares (31), e aos êrros mais propagados que se devem combater (32).

Além disso, com o objetivo de conservar, favorecer e aumentar a formação recebida nos Seminários, na ânsia de “assegurar também a fecundidade e eficácia de seu ministério pastoral”, a Conferência dita sábias normas, interessando do grave problema os Bispos e jovens Sacerdotes, a respeito dos quais se sugere, por parte dos Superiores, “um contacto singularmente frequente e paternal, a fim de conhecê-los, sustentá-los e guiá-los melhor no caminho de sua vida sacerdotal” (33).

III — O APOSTOLADO DOS LEIGOS E OS MEIOS MODERNOS DE PROPAGANDA

Importância relevante tiveram na Conferência Geral do Rio de Janeiro também os temas de máxima atualidade, que se referem ao apostolado dos seculares, “meio efficacíssimo para a recristianização do povo”, e a

27) ib. n.º 12-15.

28) ib. n.º 16-18.

29) ib. n.º 19.

30) ib. n.º 20.

31) ib. n.º 43.

32) ib. n.º 73 - α).

33) ib. n.º 22-26.

técnica moderna de propaganda conforme as sábias diretrizes traçadas pelo Santo Padre na Carta Apostólica “Ad Ecclesiam Christi”:

“Existe ainda outro tema de grande utilidade que deve ser estudado pelos Prelados que tomarão parte na citada Conferência: o modo de utilizar, na cura das almas, os serviços daqueles que justamente se apelidam de auxiliares do clero. Como tais entendemos em primeiro lugar, os religiosos não sacerdotes e as religiosas que, pela mesma vocação divina que lhes fez abraçar o gênero de vida que lhes é próprio, são os cooperadores mais chegados e valiosos no trabalho apostólico; e em segundo lugar, as hostes dos leigos cristãos, os quais, inflamados pela caridade, obedecem ao chamado do Senhor da ceára evangélica, que os convida com doce comando a prestar sua colaboração em diversas tarefas, dentro do campo dos operários apostólicos, para participarem do prêmio que a êsses está reservado na pátria celestial!” (34).

O Papa ressaltou também o dever de dedicar “um cuidado especial e examinar o emprêgo consciencioso dos modernos subsídios da técnica, para divulgar e infundir mais eficazmente nas almas a mensagem da divina revelação e os documentos promulgados pela Igreja, Mestra de verdade” (35).

Destas afirmações pontificias seguiram-se fecundas idéias que podemos resumir do seguinte modo:

— **Confirmou-se a importância** e a urgência do dever “que corresponde aos seculares na realização da obra salvífica entregue por Cristo à sua Igreja” (36);

a **necessidade** de “difundir cada vez mais entre os fiéis o exato conhecimento da posição dos leigos dentro do Corpo Místico de Cristo” (37);

a **utilidade** grandíssima do tempo e do trabalho, “dedicados à formação de leigos competentes para que colaborem com a Hierarquia Eclesiástica” (38).

— **Determinou-se** depois o campo de atividade dos seculares, cujo apostolado — se afirma — “deve ser apostolado missionário de

34) *ib. n.º* 7.

35) *ib. n.º* 8.

36) *ib. n.º* 42.

37) *ib. n.º* 43.

38) *ib. n.º* 44.

conquista para a dilatação do reino de Cristo em todos os setores e ambientes, e particularmente lá onde não possa chegar a ação direta do Sacerdote” (39).

- **Recomendou-se** ainda a tarefa de “organizar e incrementar a Ação Católica em tôdas as Paróquias”, “de fundar e manter vivos nos estabelecimentos de educação católica centros de Ação Católica”, de nomear Conselheiros ou Assistentes Nacionais e Diocesanos. (40).
- **Revelou-se** finalmente o benefício que no grau máximo é a coordenação de tôdas as Associações de Apostolado, “para a unidade e eficácia da atividade comum” (41);
- e não se deixou de insistir sôbre o dever que incumbe aos militantes das organizações católicas, de estudar e difundir “os princípios cristãos e as orientações pontificias sôbre os problemas sociais, econômicos e políticos”, e de formar no seio das associações homens que possam abraçar as delicadas atividades sociais e cívicas.
- A Conferência colocou depois em relêvo “a crescente importância que adquirem na sociedade atual a imprensa, o rádio e outros meios modernos de propaganda”, com o desejo de impulsionar cada vez mais nêste setor o aproveitamento de todos os recursos que possam ser úteis à propagação da mensagem evangélica.

IV — OUTRAS DISPOSIÇÕES

a) Outras conclusões da Conferência Geral encaram os problemas sociais, para cuja solução cristã os Bispos exigem a colaboração de todos os católicos, determinando com clarividente critério o lugar que cada um deve ocupar na tarefa que compete à Igreja, de orientar e vivificar o mundo econômico-social através do triplo processo de instrução, formação e ação.

Há uma página, meus queridos Congressistas, que me permito ler integralmente para que cada um possa meditá-la particularmente. Ouvi-a:

“A primeira tarefa, que é de iluminar, executa-se difundindo a doutrina social da Igreja, a fim de que chegue a ser patrimônio de tôda a

39) ib. n.º 45.

40) ib. n.º 48 a) e c).

41) ib. n.º 49.

comunidade católica. Esta doutrina é, na palavra de Sua Santidade Pio XII, “necessária e obrigatória”; forma parte integrante do Evangelho e da moral cristã, e portanto deve ser incluída na catequese e ensinada sistematicamente nos Seminários, Colégios e Universidades, Centros de Ação Católica e de formação cristã.

“E’ preciso educar todos os católicos no cumprimento do dever social: esta é a segunda tarefa necessária.

“E’ próprio do sacerdote trabalhar intensamente na formação de uma consciência social, viva e operante, e a Ação Católica tem também nesta obra um papel transcendental.

“O pensamento cristão, conforme os ensinamentos pontifícios, contempla como elemento importantíssimo a elevação das classes necessitadas, cuja enérgica realização torna-se visível a todo discípulo de Cristo, não somente como um progresso temporal, se não como cumprimento de um dever moral.

“Para êle é necessária a ação. O laicato católico, bem instruído e bem formado, tem uma tarefa especial e insubstituível na animação e vivificação do mundo econômico-social” (42).

b) Também para o problema dos territórios de missão, das populações indígenas e gente de côr são reservadas acertadas conclusões e sugestões da maior importância, a fim de aumentar e melhorar o desenvolvimento do trabalho sacerdotal em favor daquelas regiões, “para incorporá-las com honra no seio da verdadeira civilização” (43).

c) Um capítulo todo especial põe o Clero latino-americano perante a responsabilidade que tem no labor de assistência espiritual, moral e social aos imigrantes, no teor das normas da Constituição Apostólica “Exul Família” e as disposições da Sagrada Congregação Concistorial (44).

Não me detenho em comentar ditas conclusões, para não abusar, meus caros Congressistas, de vossa benévola atenção e sobretudo porque conheço o interesse com que seguis e atuais as augustas orientações do Santo Padre.

E’ êste, em síntese, caríssimos Sacerdotes Congressistas, o fruto da importante Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.

42) Declaração da Conferência; em “L’Osservatore Romano”, de 9 de outubro de 1955.

43) *ib.*; cfr. também Conclusões citadas, n.º 85-90.

44) Conclusões citadas, n.º 90-96.

As conclusões de tão escolhida assembléia apresentam em todo o seu conjunto o problema do clero, desde os primeiros indícios de vocação até as mais variadas atividades sacerdotais.

Tais conclusões significam hoje o ponto de partida para o labor pastoral daqueles Bispos e também, em união com êles, dos Sacerdotes, Religiosos e fiéis todos. E são como a pedra de toque para constatar a realização do ideal de união e colaboração de tôdas as fôrças e de coordenação de tôdas as atividades cuja finalidade se resume na glória de Deus e na salvação das almas.



INTENSIFIQUEMOS NOSSO TRABALHO ENTRE OS POBRES

Pe. Frei Romano Koepe O. F. M.

Que a assistência às classes abandonadas do nosso povo — assistência material, moral e religiosa — constitue uma das necessidades mais urgentes da hora presente, é um fato que não precisa ser demonstrado a pessoas que estão em contacto diário e direto com as realidades da vida nacional, seja nas grandes cidades, seja no interior. Seria um êrro se nós, levados por um falso patriotismo ou por um comodismo imperdoável, nos entregássemos a um otimismo que possivelmente já dentro em breve será desfeito por uma catástrofe sem precedentes na história do Brasil... A tremenda crise moral, social e econômica que estamos atravessando, nos obriga a reconhecer que o Brasil é, hoje em dia, um dos países do mundo em que o perigo de uma reviravolta comunista se apresenta com particular gravidade. E', pois, preciso abrir os olhos antes de ser tarde. E é melhor abrí-los hoje do que amanhã. Não há dúvida: o Brasil encontra-se, presentemente, numa das fases mais perigosas de sua história, numa encruzilhada que decidirá o seu destino. Continuará o Brasil o seu caminho tradicional que é o Cristo — ou seguirá outro caminho, o de Marx, Lenin e Stalin? Eis o gravíssimo problema que merece tôda a nossa atensão e que nos obriga a desdobrar nossos esforços nesta luta sacrossanta pela salvação da Religião Católica e da Civilização Cristã em Terras de Santa Cruz.

Que podemos, que devemos nós religiosos fazer para aliviar a miséria espiritual e material das classes abandonadas? Qual a contribuição que às Ordens e Congregações Religiosas cabe prestar para que as ditas classes possam levar uma vida de acôrdo com a dignidade da pessoa humana e cristã? Que podemos, que devemos fazer a fim de preservar ou imunizar nosso povo contra o perigo vermelho?

I — OBRIGAÇÃO DOS RELIGIOSOS.

Antes de entrar em questões de ordem prática, acho conveniente fazer algumas rápidas considerações sobre a obrigação que temos na qualidade de religiosos de prestar nossa assistência ao povo desamparado.

1) Esta obrigação decorre logicamente do nosso estado de vida que é um estado de perfeição. Em virtude de nossa profissão religiosa somos obrigados, e até **sub gravi**, a tender à perfeição evangélica. Em que consiste esta perfeição? Talvez esta pergunta não seja inútil, porque é uma idéia bastante espalhada, não apenas entre religiosas, que a perfeição consista na observância perfeita das Regras e Constituições e, em particular, dos três Votos. Tal idéia, no entanto, não é exata! Regras, Constituições e mesmo os votos são apenas meios para se chegar à perfeição, meios, sem dúvida, efficacíssimos. Porém, tudo isso ainda não constitui a perfeição. Esta identifica-se essencialmente com a caridade, de acôrdo com a palavra de São Paulo: "Super omnia autem caritatem habete, quae est vinculum perfectionis" (Col. 3, 14).

Santo Tomás falando sobre se a perfeição consiste na observância dos preceitos ou dos conselhos evangélicos, chega à seguinte conclusão: "Per se quidem et essentialiter consistit perfectio christianae vitae in caritate; principaliter quidem secundum dilectionem Dei; secundario autem secundum dilectionem proximi". Mais adiante prossegue: "Secundario autem et instrumentaliter perfectio consistit in consiliis" (Quaestio 136, art. 3). A perfeição da vida cristã consiste **per se e essentialiter** na caridade, com Deus e o próximo; **secundário**, porém, e **instrumentaliter** ela consiste nos conselhos evangélicos: "Instrumentaliter", quer dizer que os votos desempenham apenas uma **função de meio**, removendo os obstáculos que se opõem à prática da caridade perfeita com Deus e o próximo. A noção exata desta verdade nos parece muito importante para não cairmos num erro realmente grotesco: o de observarmos os conselhos e transgredirmos o mandamento máximo de nossa Religião...

Do que acabamos de expor podemos deduzir a seguinte conclusão: seremos religiosos **verdadeiros** na medida em que, por meio dos Votos, da Regra e das Constituições, procurarmos praticar a caridade para com Deus e o próximo, "quae est vinculum perfectionis". Não há necessidade de insistir, aqui, sobre a íntima relação que existe entre o amor a Deus e o ao próximo.

2) Somos obrigados ainda a socorrer os pobres como **discípulos de Cristo** a quem nos propusemos imitar de maneira mais perfeita. Por con-

seguinte, seremos religiosos **de verdade** na medida em que pautarmos a nossa vida pela do nosso Divino Modelo de quem dizem os Atos dos Apóstolos: “Pertransiit benefaciendo” (Act. 10, 38) e que disse sôbre si mesmo: “Pauperibus evangelizare misit me Dominus” (Luc. 4,18), “Venite ad me omnes qui laboratis” (Math. 8, 28), “Misereor super turbam” (Marc. 8, 2), “beati misericordes” (Math. 5, 7), “quidquid fecistis minimo” (Math. 25, 45). Tôdas essas palavras devem constituir igualmente para nós um programa e ideal de vida, se não quisermos desmerecer o título de religiosos.

3) Temos, em terceiro lugar, o exemplo de nossos Fundadores e as tradições de nossas Ordens e Congregações. Todos os fundadores de Ordens e Congregações eram homens de exímia caridade que, por todos os meios possíveis, se esforçaram por aliviar a miséria material e espiritual de seu próximo. “A história da caridade é a história da Igreja Católica”. Se esta palavra de um acatólico é verdade, não é menos verdade que as Ordens e Congregações religiosas contribuíram com páginas e capítulos dos mais brilhantes para esta história. Sejamos, pois, dignos de nossos fundadores e das tradições da nossa Ordem e — façamos um exame de consciência!

II — INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO ENTRE OS POBRES

Numa época e num país em que a miséria social de uma grande parte da população assumiu proporções descomuns, alarmantes, evidentemente não bastam meios comuns, isto é, os meios de ontem, para trazer alívio eficaz às massas sofredoras. É absolutamente necessário que intensifiquemos as nossas atividades.

Desta necessidade mais nos convencerá um rápido olhar para os seguintes fatos:

a) a **estrutura social do Brasil**, que apresenta um desequilíbrio alarmante; vemos, num lado, um pequeno número de milionários e multi-milionários, e, no outro, a massa enorme dos pobres que, muitas vêzes, carecem do mais necessário para seu sustento;

b) a **insuficiência das medidas governamentais**; não há dúvida que o Govêrno, nestes últimos anos, tem realizado esforços notáveis no sentido de melhorar a situação das classes abandonadas; mas não é segredo que êstes esforços — por motivos que não precisamos analisar aqui — não tiveram senão um resultado bastante limitado, principalmente no que diz respeito às populações do interior que foram sempre as mais sacrificadas;

c) a **esperança e a confiança** que muitos pobres (ainda!) depositam

na Igreja e, sobretudo, em nós religiosos e sacerdotes. O pobre espera, e com razão, que não o iludamos, que pelo menos nós pratiquemos o que propagamos e anunciamos do alto da tribuna sagrada;

d) a solução de nossa questão religiosa não se faz sem a criação de condições de vida dignas da pessoa humana; é sabido que a extrema miséria costuma afastar de Deus e de sua Lei. Trata-se de criar um ambiente em que a observância dos 10 Mandamentos seja moralmente possível. Seria utopia e ingenuidade, mais, seria hipocrisia, se nós quiséssemos basear a nossa cura de almas sobre o heroísmo — quando êsse mesmo heroísmo é coisa rara entre nós...

Tôdas estas razões certamente nos convencerão da necessidade de intensificarmos nossos trabalhos entre os pobres.

III — EM TODOS OS SETORES.

Vamos para a prática. Podemos distinguir três setores diferentes, se bem que íntimamente ligados entre sí: a) o setor material; b) o setor educacional; e c) o setor religioso.

A — Setor material.

Diverso do cristão que vive no mundo, o religioso, em virtude de seu voto de pobreza, está impossibilitado de socorrer os necessitados mediante suas próprias posses, simplesmente por não dispor de bens materiais. A esmola que nossas Constituições nos facultam dar, tem apenas um valor "simbólico", sendo, na grande maioria dos casos, mais uma prova de nossa boa vontade do que um auxílio real. As esmolos que, de vez em quando, nos são oferecidas "pelos nossos pobres" — esmolos maiores — podem constituir um auxílio real em algum caso, mas não resolvem as necessidades da grande massa dos pobres. Igualmente o que as nossas Ordens e Congregações poderiam dar de suas posses — tôdas elas lutam com dificuldades financeiras para manter e aumentar suas obras — poderia ser um adjutório real em alguns casos, porém seria ineficiente para aliviar a pobreza das massas.

Por estas razões temos de servir-nos da boa vontade dos cristãos que vivem no mundo para realizar nossa missão de caridade.

Ora, devido à escassez do clero regular, quase tôdas as famílias religiosas têm de administrar paróquias, ou têm, anexos às suas casas, uma igreja ou colégio. Quer-me parecer que devemos começar por aí. Como?

Nas paróquias. Considerando que a paróquia não é somente uma comunidade de culto, mas também de caridade, os vigários e seus coadjutores não devem deixar de fazer todos os esforços no sentido de implantar em seus paroquianos o verdadeiro **espírito de família**, em virtude do qual um se sente responsável pelo outro, auxiliando seu irmão na medida de suas possibilidades (São Paulo chama os fiéis cerca de 100 vezes de “irmãos”; as primeiras comunidades cristãs eram denominadas “ecclesiae fratrum”). Devíamos trabalhar para que nossas paróquias se tornassem semelhantes (não digo “iguais”) às primeiras comunidades cristãs, assim como foram descritas nos Atos dos Apóstolos (4, 32-35). Não podemos exigir que nossos católicos de hoje imitem o heroísmo dos primeiros cristãos que possuíam tudo em comum, que vendiam seus bens para colocar o resultado aos pés dos Apóstolos, mas devemos trabalhar para que eles, os nossos católicos de hoje, se tornem **“um só coração e uma só alma”**, de maneira que não haja em nossas paróquias quem morra de fome enquanto outros “irmãos” vivem no luxo e na opulência. Utopia? Neste caso seriam utopias tôdas as palavras de Cristo quanto à caridade fraterna...

Crie-se, pois, entre os nossos paroquianos, uma espécie de **mística da caridade**. Sempre de novo, por meio de pregações, conferências e de nossos trabalhos no confessionário, havemos de convencer os fiéis que sem a caridade não há cristianismo.

Depois desta mobilização espiritual dever-se-iam reunir os elementos de boa vontade para passar a **realizações práticas, fundando obras de assistência social**, de acôrdo com as necessidades da respectiva paróquia. Embora a estrutura e a fisionomia de cada obra social varie segundo o meio ambiente, há em quase tôdas as paróquias necessidade das seguintes instituições: a) **assistência médica e gabinete dentário**; b) **dispensário de roupas e alimentos**; c) **creche para crianças cujas mães trabalham**. Nas paróquias em que tais obras existirem, deveriam ser ampliadas, dando-lhes maior eficiência, para que assim possam atender o maior número possível de pobres.

Nas igrejas não paroquiais. Coisa semelhante dever-se-ia fazer também junto às nossas igrejas não paroquiais.

Nos colégios. Os colégios católicos, escolas de formação cristã por excelência, tudo farão para educar seus alunos dentro de um espírito da mais genuína caridade cristã. Sempre de novo os educadores e professores de religião não devem chamar a atenção dos alunos para os gravíssimos problemas sociais de nosso povo. Aproveitarão a natural generosidade dos adolescentes para organizar obras e campanhas de caridade.

B — Setor educacional.

E' evidente que a assistência aos pobres não deve ser restringida ao setor material. Para se lutar com eficiência contra a miséria das massas abandonadas, há mister outro trabalho, mais básico, que é a **assistência educacional**. E' de máxima importância educarmos o pobre a ajudar-se a si mesmo! O Brasil, país novo e de recursos quase ilimitados, não teria esta massa enorme de pobres, se os órgãos responsáveis tivessem feito maior esforço no sentido de educar o povo para trabalhar e para viver.

Na maior parte dos pobres verificamos duas graves deficiências, causadoras da miséria material: 1) uma **ignorância** quase absoluta que não lhes permite executar trabalhos de maior responsabilidade, isto é, trabalhos mais bem remunerados; 2) uma **ausência** muito acentuada de **senso econômico**.

De tudo isso resulta a inadiável necessidade de se promover uma intensa **campanha de educação popular**, para combater a ignorância dos pobres, para incentivar nêles o senso do trabalho e da economia. Esse problema, sem dúvida difícil para ser resolvido, exige uma boa parte de nossa dedicação.

Na prática, o que se poderia fazer?

1) Creio que devemos começar pela **criança**, sem nos despreocuparmos dos adultos, é claro. Instituem-se, pois, **escolas primárias** (paroquiais ou não) para os filhos das classes abandonadas, **com programas e métodos especiais**, correspondentes à condição social e moral dos pequenos, escolas que antes de tudo visam tirar a criança de sua miséria, escolas que sejam verdadeiros instrumentos de reajustamento social e moral. Trata-se de criar um **novo tipo de escola primária**, visto que o atual, essencialmente burguês, não é capaz de dar à criança pobre os elementos necessários para se elevar econômica e moralmente.

2) **Escolas de alfabetização para adultos**. Estas escolas se prestam ôtimamente para iniciar os adultos não só nos segredos do A B C, mas também para familiarizá-los com os elementos do Catecismo. Tais cursos de alfabetização deviam funcionar não só em nossas paróquias, em articulação com as aludidas obras sociais, mas também anexos às nossas **igrejas não paroquiais** e, principalmente aos nossos **colégios**, talvez com o auxílio dos alunos dos cursos científico e clássico.

3) Instituem-se, outrossim, para as senhoras casadas e moças **cursos permanentes de educação doméstica**, cursos de corte e costura, de arte

culinária, de enfermagem, de higiene, de puericultura, etc. Outra ocasião natural para a catequese.

4) Para homens e moços haja **cursos permanentes de formação ou cultura geral** (para os alfabetizados) sobre problemas da atualidade, em particular sobre religião e questão social. Tudo isso em forma rigorosamente popular e plenamente acessível às respectivas mentalidades.

5) Não se deve subestimar a importância do **recreio** e das **diversões** para a educação popular. Cuide-se, pois, de proporcionar ao povo formas de recreio educativas.

C — Setor religioso.

Chegamos ao terceiro setor, o mais importante de todos: o **setor religioso**. Vamos considerá-lo sob dois aspectos: a) **catequese própria dita**; b) **assistência espiritual**.

a) Catequese própria dita.

Já foram indicadas diversas maneiras para se ministrar instrução catequética aos nossos pobres. Mas, dada a enorme ignorância em que laboram nossas classes abandonadas, é indispensável procurar ainda outros meios que facultem uma maior penetração dos conhecimentos indispensáveis da religião na grande massa.

1) Uma forma da catequese entre nós ainda pouco explorada, mas capaz de produzir bons resultados, é o **catecismo domiciliar**, ministrado por turmas volantes de catequistas que, sob a orientação de um sacerdote, percorrem sistematicamente tôdas as famílias duma rua, dum bairro, duma favela, a fim de ensinar as verdades mais necessárias do catecismo. É excusado dizer que tais catecismos devem ser feitos de modo atraente para surtir efeito (visitas da Imagem de Nossa Senhora aos lares, filmes e projeções luminosas, etc.). Aqui se abre um campo de apostolado de possibilidades imensas à nossa **Ação Católica**.

2) Convém também lembrar que as **Santas Missões** em todos os tempos têm sido um meio magnífico não só de santificação, mas também de **doutrinação** das grandes massas.

3) Não se deve esquecer, finalmente, o **Rádio**, hoje em dia o mais poderoso veículo de propagação de idéias, pelo menos com relação às classes pobres que não sabem ler nem escrever. São poucas as famílias pobres que não tenham seu receptor; porque não vamos colocar o rádio ao serviço da **catequese popular sistemática**?

b) Assistência espiritual.

Mais do que qualquer outra pessoa é o homem que sofre, que tem direito às consolações de nossa Religião. Ora, o pobre sofre, e muito... A cruz duma pobreza vitalícia é pesada. O sacerdote, o religioso, deve, pois, tornar-se o **Cirineu** do pobre. Uma vez que o pobre chega a adivinhar o sentido cristão da pobreza — como meio de imitar o Cristo pobre — uma vez que êle se convence que a pobreza terrestre suportada por amor de Deus, lhe merecerá a riqueza eterna, menos pesada se torna a sua cruz. Repito, o pobre tem direito às consolações da Religião, tem direito de conhecer estas verdades. Por isso, nas pregações e conferências, no confessional, em conversas particulares, sempre de novo devemos chamar sua atenção para estas verdades.

DIFICULDADES.

Eis algumas sugestões a respeito. Não são sugestões novas, nem fáceis de serem postas em prática, principalmente quando se trata de religiosos, que dependem em tudo da vontade de seus superiores.

1 — Se as Ordens e Congregações hão de desempenhar ou não sua importante função religiosa e social junto aos pobres, isso depende na maior parte dos **superiores**. E' de desejar que todos os superiores, principalmente os de casa, não sejam sômente zeladores e "colunas" da observância regular, mas também **curas de almas que tenham nítida compreensão das necessidades da Santa Igreja nos dias de hoje**. Em outras palavras: não basta que os superiores não embarquem as iniciativas de seus súditos que queiram dedicar-se ao apostolado no meio dos pobres, pelo contrário, animem-nos positivamente, proporcionando-lhes todo o apôio possível, em particular o moral.

2 — Não raras vêzes nascem **choques** entre os nossos **trabalhos na cura de almas** e o **Regulamento e as Constituições** de nossa Ordem ou Congregação. E' sabido que em virtude de tais choques, iniciativas preciosas acabam paralizadas... Seria de desejar que nossos Regulamentos e Constituições sofressem uma **maior acomodação** ao ritmo e às necessidades da cura de almas. "Salus animarum suprema lex". Tenhamos a coragem de sacrificar pontos não essenciais da nossa Regra, caso o bem da Santa Igreja assim o exija.

3) — Um fato que frequentemente traz prejuizos consideráveis para os nossos trabalhos, são as **transferências**. Elas põem em perigo a continui-

dade dos mesmos. Começamos uma obra, e com mil dificuldades, e ao cabo de 3 para 4 anos, vencidas as dificuldades iniciais, quando a sementinha começa a brotar, somos transferidos para outro lugar. Para que essas transferências não prejudiquem nossos trabalhos mais do que o necessário, para evitar um desperdício de energias preciosas, os superiores deviam excogitar meios para garantir a sobrevivência das obras. O melhor meio para isso seria, a meu ver, dar às obras uma forma e organização bem definidas, e articulá-las com a casa, não com a pessoa.

4) — O apostolado social não é tão simples como à primeira vista possa parecer. Exige um **conhecimento** muito sólido da **sociologia**. Podemos afirmar que o estudo desta ciência ocupa em nossas Casas de formação o lugar que lhe compete? E nós sacerdotes? Estamos realmente à altura? — Que poderíamos empreender para **aprimorar** nossos conhecimentos nesta matéria? O ideal seria que tivéssemos, a exemplo da Espanha, um **Instituto de Estudos Sociais para o Clero**. Já que a fundação de tal Instituto entre nós no momento encontraria grandes dificuldades, poder-se-ia pensar em realizar **Semanas de Estudos Sociais para o Clero**. Creio que tais Semanas não são menos necessárias do que os Congressos de Estudos Dogmáticos ou Bíblicos que se costumam fazer entre nós.

* * *

No fim dêste estudo, relendo estas páginas veio-me a idéia: “Como é fácil apresentar sugestões e elaborar planos, e como é difícil executá-los”... Quem apresenta sugestões procede mais ou menos como o autor de um livro de arte culinária: “Tome-se 1 quilo de manteiga, uma dúzia de ovos, 3 litros de leite”, e assim por diante. “Tome-se” — aí está a dificuldade... Vai aí mais uma sugestão: Quem não tiver 1 quilo de manteiga, que tome meio quilo; quem não tiver uma dúzia de ovos, tome meia dúzia, ou menos. **O principal é que cada um faça o que puder**. De outro lado: **Muito se pode, muito se faz, quando se quer com vontade férrea!** Coragem, pois, vamos começar; Deus Nosso Senhor fará o resto.



COLABORAÇÃO DAS OBRAS DAS RELIGIOSAS COM A PARÓQUIA e A DIOCESE

Irmã Sylvia Maria Villac
Missionária de Jesus Crucificado

I — Sentido de Comunidade Paroquial e Diocesana.

“Ut omnes unum sint” (Jo, 17, 11) foi a prece ardente de Jesus Cristo por sua Igreja na solene hora em que se despedia dos Apóstolos antes da Paixão, deixando-lhes em sagrado testamento suas últimas recomendações e endereçando ao Pai seus derradeiros pedidos. Fiel continuadora da missão de Cristo na terra, a Igreja em todos os tempos consagrou o melhor de seus cuidados à conservação desta unidade, velando pela “união de tôdas as partes do Corpo (Místico) tanto entre si como com sua Cabeça”, (Piô XII, “Mystici Corporis Christi”), na formação do “Cristo total”.

Isto se deve entender não só em relação aos membros vivos, que são os cristãos, como também das organizações que arregimentam êstes membros e são partes integrantes dêste organismo: as paróquias e as dioceses.

Temos assim, como essência mesma do cristianismo, a unidade e caridade, deixadas por Jesus Cristo como características de sua Igreja.

Para que tal se consiga, entretanto, é necessária a compreensão do sentido da comunidade paroquial e diocesana, células vivas da Igreja universal, com missão de santificar e congregar em Cristo tôdas as nações.

Excelente é a definição de Raymond Dun, S. J. (“La paroisse et l'action catholique”): “A paróquia é uma comunidade viva. Uma comu-

nidade é algo mais que juxtaposição em forma de cristianismos individuais. Algo mais que uma formação dócil às determinações e às iniciativas de um chefe. E' uma coletividade onde todos são ativos e interessados, onde sem que se deixe de proceder dentro da ordem, tudo se faz com todos. Fazer com — eis a lei da comunidade”.

Examinemos os elementos negativos e positivos desta definição:

1.º — **Não é juxtaposição de cristianismos individuais** — Assim como, no dizer de Mgr. Léon-Joseph Suenens (“L’Église en état de mission”), “não são as dioceses que, por juxtaposição, formam a Igreja; é a Igreja que cria e forma as dioceses”, assim também podemos afirmar que a comunidade paroquial e diocesana não é formada pela juxtaposição de cristãos, embora ardorosos, mas estranhos uns aos outros e aos interesses comuns, mas é ela que cria e forma êstes membros vivos; é ela que faz com que cada batizado, sentindo-se parte de um Corpo único, aceite, como decorrente de sua incorporação a Cristo, o dever de cuidar da alma de seu próximo, com ela trabalhando pela restauração do reinado de Jesus Cristo no mundo.

2.º — **Não é docilidade às determinações e iniciativas de um chefe** — Não é só isso, embora a docilidade e submissão sejam realmente imprescindíveis, mas é mais que isso, pois, como comunidade viva, seus membros “precisam ser formados no sentido de tomar consciência de suas riquezas latentes” (Mgr. Suenens, Op. cit.) e saber valorizá-las e desenvolvê-las, entregando-as em benefício do todo.

E' portanto necessário, para uma colaboração mais eficiente, que aquêle que dirige tenha “a arte de despertar e orientar as energias dos outros no esforço coletivo”, “suscitando a verdadeira colaboração, a fim de que êles trabalhem não para êle e sim com êle” (Mgr. Suenens, op. cit.).

“Para uma realização em comum ter êxito — afirma Mgr. Suenens (op. cit) — é preciso que cada um se sinta obrigado, responsável, plenamente ativo e colaborando intrínsecamente com a tarefa de todos”.

3.º — **E' portanto uma coletividade onde todos são ativos e interessados** — Uma imagem dos tempos apostólicos, de cujos cristãos diz São Paulo “que com êle trabalhavam no Êvangelho”.

4.º — **E' uma comunidade onde, dentro da ordem, tudo se faz com todos** — Sim, respeitando a verdadeira hierarquia e dando sempre à autoridade a primazia que lhe compete, na comunidade paroquial e diocesana todos trabalham unidos para o proveito do todo e de cada um, cumprindo

o que diz Pio XII em sua encíclica "Mystici Corporis Christi": "devemos afirmar que tanto mais unidos estaremos com Deus em Cristo, quanto mais "formos membros uns dos outros" (Ro. 12,5); e por outra parte, tanto mais viveremos entre nós unidos e estreitados pela caridade, quanto mais ardente fôr o amor que nos unir a Deus e a nossa divina Cabeça".

E assim, a verdadeira comunidade paroquial e diocesana é uma comunidade em que cada um, pulsando em uníssono com todos, "faz-se tudo para todos, a fim de levá-los a Deus"; é a realização do "ut omnes unum sint" (Jo. 17, 11), do desejo ardente manifestado pelo divino Mestre no cenáculo, na vigília sagrada do dia máximo da Redenção.

II — Obras das Religiosas e a Colaboração com a Paróquia e a Diocese.

Dentro, pois, dêste conceito de comunidade paroquial e diocesana, que são as obras das religiosas?

Células vivas que se devem integrar na vida do todo e esta integração de uma obra podemos considerar em si mesma e em seus membros.

EM SI MESMA — Vários são os graus e diversas as formas pelas quais uma obra vive com a paróquia e a diocese:

1.º — **Preenchendo sua finalidade educacional, assistencial, social, etc.** Assim, um colégio forma os cristãos da paróquia e da diocese, prepara os membros das associações religiosas e da Ação Católica, que amanhã deverão ser os baluartes da fé e dos costumes na família e na sociedade; um dispensário vai não só obviar à miséria material dos paroquianos e diocesanos, como também recristianizar suas famílias; um hospital alivia os sofrimentos físicos com o conforto da religião e prepara os doentes da paróquia e da diocese para o encontro com o divino Juiz no limiar da eternidade.

Urge, portanto, que nossas obras realizem plenamente sua finalidade apostólica, para darem à Igreja de Jesus Cristo, na paróquia e na diocese, esta primeira colaboração que lhes é pedida.

Este é, entretanto, um grau mínimo, e devemos sempre "ascendere superius".

2.º — **Abrindo suas portas para os movimentos paroquiais e diocesanos** — Precisamos aqui considerar alguns pontos práticos.

a) — Seria de desejar que não mais houvesse nas casas religiosas capelas fechadas ao público, sobretudo nas Missas dominicais, em que, se o número de alunos e demais assistidos é grande em nossas capelas, maior ainda é o de fiéis nas Igrejas paroquiais. Um pouco de espírito de sacrifício para suportarmos o incômodo e o apêto da capela superlotada, um

pouco de desapêgo para não nos agarrarmos à paixão da ordem, que em geral é imanente na religiosa, e um pouco de zêlo apostólico, nos fariam colaborar para que um maior número de almas cumprisse o preceito da Missa de domingo.

b) — Muito louvável também seria que nunca disséssemos “não” aos Bispos e Vigários que nos pedem a casa para um retiro espiritual, uma tarde de recolhimento ou de formação, para um café festivo ou uma festa da diocese ou da paróquia. Exemplos conhecemos, muitos e edificantes, de casas religiosas de diferentes Congregações, que se constituem em verdadeiros prolongamentos da Igreja paroquial, facilitando imensamente aos Vigários o tão difícil munus que Deus lhes confiou.

Também aqui necessário é que exercitemos a generosidade, a dedicação e algumas vêzes o desprendimento, para cedermos a certas alterações que tenhamos que fazer nos horários e regulamentos da obra, visando um bem maior: a salvação das almas. Seria o caso de lembrar o desejo do Santo Padre de que, conservando-nos inflexíveis em nossos princípios, nos adaptássemos em pontos acidentais e secundários às necessidades e dificuldades que nos cercam.

Nem digamos ainda que os elementos das associações paroquiais não têm o cuidado devido com a casa, pois nossas casas foram feitas para salvar as almas e não as almas para conservar as casas.

3.º — Participando da vida mesma da paróquia e da diocese — De diversas maneiras:

a) — A mais importante participação são as campanhas de orações e sacrifícios pelos movimentos paroquiais e diocesanos: missões, páscoas coletivas, etc. Isto seria realmente **fazer com** a paróquia e a diocese. Os resultados vêm confirmar a eficácia desta colaboração, que além do mais dá aos assistidos de nossas obras o verdadeiro sentido do valor da oração e da necessidade de viver com a paróquia e a diocese.

Lembro-me de um Congresso Eucarístico paroquial em que dez doentes de um sanatório se ofereceram como vítimas pelo triunfo de Jesus Hóstia. Antes do encerramento do certame suas vidas foram colhidas por Aquêlê que nos deu o exemplo da suprema imolação e o êxito do Congresso foi absoluto.

b) — Além da oração e do sacrifício, a colaboração na preparação dos movimentos paroquiais e diocesanos por meio de convites e propaganda, despertando o sentido do apostolado. Assim, as alunas de nossos colégios, patronatos e demais obras poderiam tomar a si os convites para as

missões, páscoas, conferências, retiros, etc., não só dentro da própria família, mas também entre conhecidos e amigos, ou mesmo, de acôrdo com o Vigário ou o Missionário, acompanhando os membros das Associações que visitam a paróquia, casa por casa, para êste apostolado.

c) — Depois, a participação direta nestes movimentos.

Tive oportunidade de ler uma das teses que foram apresentadas nas reuniões dos Religiosos e com mágoa vi estampada a queixa de um Provincial de que muitas vêzes, nas Santas Missões, os educandários leigos comparecem incorporados e os colégios religiosos mandam apenas uma representação, para atenderem às insistências do Pároco ou do Missionário. (Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil, n.º 19, pág. 13 segs.).

Seria, pois, de tôda conveniência que nas páscoas das crianças e das moças, nas grandes Comunhões gerais das Missões e nas procissões as religiosas primassem por apresentar o maior número de alunas, servindo de exemplo aos demais estabelecimentos da paróquia e acostumando suas educandas a frequentarem a Igreja Matriz e participarem da vida paroquial. Uma grande vantagem desta aproximação entre nossas alunas e a paróquia é que elas, após sua saída do colégio, já estarão habituadas a frequentá-la, não encontrando dificuldade nesta transição, que muitas vêzes as embarça.

Hospitais e asilos também podem tomar parte nestes movimentos, preparando seus assistidos para a Comunhão dos doentes.

Até mesmo as obras externas de pobres, como dispensários, ambulatórios, etc., podem integrar-se neste trabalho, organizando por exemplo uma distribuição de víveres alguns dias antes da Páscoa ou da Comunhão coletiva, para convidarem seus assistidos a nelas tomar parte, ou mesmo reunindo-os para um café festivo no dia dêstes movimentos religiosos.

d) — Outra colaboração muito eficiente é procurar que as Associações religiosas da obra não funcionem à margem da paróquia. Ideal seria ter todo o movimento das associações na Matriz, mas no momento isso é impossível e ineficaz, devido à escassez do clero, insuficiente para cuidar de tantas almas — às vêzes 60.000 para um Vigário — às dimensões restritas de nossas Igrejas, etc.

Enquanto êste ideal não se puder tornar realidade, é mister que proporcionemos contactos entre nossas associações e as paroquiais, por exemplo: realizando tardes de formação e reuniões coletivas, Comunhões gerais, etc., nas quais daremos oportunidade de iniciativa tanto aos nossos elementos como aos da paróquia, estimulando a ambos no sentido do apostolado.

e) — Quanto à colaboração valiosa que podemos dar na organização da catequese, quero apenas lembrar inúmeros colégios que fazem da Pedagogia Catequética matéria de estudo do curso Normal, transformando suas alunas em catequistas autênticas, as quais, sob a direção de suas Mestras, espalham-se semanalmente pela cidade, indo até os bairros mais distantes, para levar às almas o pão da palavra divina.

EM SEUS MEMBROS — Vista a colaboração de nossas obras em si mesmas com a paróquia e a diocese, passemos àquela que podemos dar visando mais particularmente a pessoa de nossos assistidos.

1.º — **Procurando fazer de cada um dêles um perfeito cristão**, conforme diz Pio XI na "Divini Illius Magistri": "O fim próprio e imediato da educação cristã é cooperar com a graça divina na formação do verdadeiro e perfeito cristão, isto é, formar o mesmo Cristo nos regenerados pelo Batismo, segundo a viva expressão do Apóstolo: "Meus filhinhos, a quem eu trago no meu coração até que seja formado em vós Cristo" (Gal. 4, 19). Pois que o verdadeiro cristão deve viver a vida sobrenatural em Cristo: "Cristo que é a vossa vida" (Col. 3, 4) e manifestá-la em tôdas as suas ações: "a fim de que a vida de Jesus se manifeste na vossa carne mortal" (2 Cor. 4, 11).

Isto se pode aplicar não só aos educandos, como aos demais assistidos: pensionistas, asilados, doentes, etc.

2.º — **Preparando e cedendo elementos** para as associações religiosas, a Ação Católica e o apostolado da paróquia e da diocese.

3.º — **Criando nos assistidos êste sentido de paróquialidade**, êste amor à paróquia e à diocese:

- a) — pelo conhecimento da doutrina da Igreja sôbre êste ponto.
- b) — pela sua participação na vida paroquial e diocesana, que devemos sempre fomentar e estimular.
- c) — por nosso exemplo de acatamento às ordens e determinações do Bispo e do Pároco.

4.º — **Preparando assim os assistidos para a vida paroquial e diocesana**, a fim de que nela sejam membros ativos da comunidade.

III — Ação Católica.

Um dos mais eficientes meios de apostolado em nossos tempos é a Ação Católica. Como estamos tratando aqui apenas da colaboração de

nossas obras e não da religiosa na paróquia e na diocese, só nos cabe falar sobre a J. E. C. e a J. U. C., que são as únicas formas de Ação Católica que nelas podem existir.

Se os demais quadros da Ação Católica são paroquiais e devem funcionar portanto na paróquia, com exceção talvez de um ou outro núcleo de JOC que possa ser fundado em uma escola doméstica ou em uma casa da empregada, a JEC e JUC, ao contrário, são diocesanas, abrangendo elementos de diversas paróquias, e devem funcionar nos próprios colégios e escolas superiores, pois, visando o trabalho do meio pelo meio, devem elas trabalhar dentro do meio estudantil.

Analisemos alguns pontos que nos auxiliem nesta colaboração.

1.º — **A necessidade da Ação Católica** — É indiscutível. Decorre ela sobretudo de vários fatores:

- a) — da integridade da fé e dos costumes, que corre cada dia mais iminente perigo (Pio XI, cartas “*Quae nobis*” e “*Quamvis nostra*”).
- b) — da penúria de sacerdotes, que é infelizmente tão acentuada, e absolutamente não basta para remediar as necessidades das almas (Pio XI, cartas citadas).
- c) — de haver muitíssimos homens de tôdas as classes sociais refratários ou hostis à ação evangelizadora do sacerdote (Pio XI, carta “*Con singolare compiacenza*”).
- d) — da necessidade do apostolado de cada um no meio em que vive (Pio XI, carta “*Quamvis nostra*”).
- e) — da responsabilidade que aos leigos também cabe no apostolado, como filhos da Igreja e membros do Corpo Místico (Pio XI, carta “*Firmissimam constantiam*”).

Quanto à JEC e JUC em particular, ouçamos o que escreveu o atual Pontífice, quando ainda Cardeal Pacelli, aos Superiores Religiosos (15-3-36): “Recomendamos a fundação de Centros Internos, que tão felizmente já florescem em não poucos institutos”. “Os rebentos da Ação Católica — escreveu Pio XI ao Episcopado da Colômbia (14-12-34) — devem florescer não só nas Universidades e escolas públicas de ensino superior, senão também em todos os colégios em que se educa a juventude, para lograr que os adolescentes vão ali mesmo instruindo-se e preparando-se para a Ação Católica, com vistas a inscreverem-se mais tarde em organizações

mais altas da mesma Ação Católica, o que será de muita utilidade para completar sua educação cristã” (Ambos apud “Acta et Documenta Congressus Generalis de Statibus Perfectionis”, vol. III).

2.º — **Dificuldades** — Como em tôdas as obras, também na Ação Católica e especialmente na JEC, deparamos com dificuldades. Foram elas analisadas na Arquidiocese de São Paulo em um Tríduo sôbre JEC para as Religiosas, em 1955. Em um ligeiro inquérito feito junto às religiosas da Arquidiocese do Rio de Janeiro e de outras Dioceses do Sul e do Centro do Brasil, pudemos constatar que são as mesmas em tôda a parte, embora mais acentuadas em um lugar que em outro.

Resumem-se no fato de às vêzes a JEC se fazer nos colégios à margem das Superioras e mesmo das Adjuntas, acarretando problemas de formação e de disciplina, e no afastamento das vocações religiosas que por vêzes ela traz.

a) — A solução que nos parece mais indicada para a primeira dificuldade está em uma alteração nas funções da religiosa na Ação Católica.

E' ela Adjunta, isto é, auxiliar do Assistente. Porque então, deixando a êste o lugar que lhe compete, não restringir sua atividade, como diz Pio XII, “ao exercício do ministério sacerdotal”, ampliando as atribuições da Adjunta?

Na verdade, em 3 de maio de 1951, em uma alocução aos membros da Ação Católica Italiana, traçando diretrizes para o apostolado leigo, disse Pio XII, ao tratar do Assistente Eclesiástico: “para que a assistência a vossas Associações femininas seja verdadeiramente santa e frutuosa, os Sacerdotes deixem inteiramente, com fina e delicada reserva, às dirigentes, em todo o caso aos cuidados e nas mãos de senhoras piedosas e criteriosas, o que estas podem fazer por si mesmas, talvez até melhor, restringindo êles próprios o seu trabalho ao exercício do ministério sacerdotal”. Esta orientação coincide perfeitamente com as dadas por S. Santidade na encíclica “Menti nostrae” (Citação tirada de “Catolicismo”, junho de 1951).

Porque não ver na religiosa esta dirigente de que fala o Santo Padre, já que Pio XI, na carta “Quamvis nostra”, enaltece a grandeza do auxílio que ela poderá dar nêste sentido, sobretudo nos colégios, e já que é desejo do Pontífice gloriosamente Reinante que as religiosas de muitos modos auxiliem na Ação Católica, como disse S. Santidade em uma de suas exortações: “Sem dúvida muito valioso e muito amplo auxílio para a Ação Católica prestarão as numerosas famílias religiosas de

ambos os sexos que já prestam à Igreja êstes preclaros benefícios. Ainda que seguramente elas sempre tenham trazido êsse subsídio não só oferecendo perenemente suas orações, mas também prestando aos sacerdotes um auxílio pronto, contudo ainda não tinham tomado o cuidado especial das almas"? (Apud "Acta et Doc. C. G. de St. Perfectionis", vol. III).

Quando ainda Secretário de Estado de Pio XI, o atual Pontífice, em 15-3-36, escreveu aos Superiores das Ordens e Congregações Religiosas, de ambos os sexos instando a que não só auxiliassem, mas promovessem a Ação Católica e êste documento é considerado como a primeira instrução universal para todos os sodalícios religiosos a fim de que fomentassem a Ação Católica. Além disso, a 2-2-1947 o Cardeal Lavitrano, então Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos, escreveu aos Superiores e Superiores das Ordens e Congregações Religiosas da Itália mostrando a vontade de que os Religiosos cooperassem com a Ação Católica (Cfr. Tromp, S. J., "Periodica de re morali", t. 25, apud "Acta et Doc. C. G. de St. Perf.", Vol. III).

Alguns pontos concretos e práticos em que esta ação da Adjunta poderia ser mais ampla seriam por exemplo:

1) — A elaboração dos programas, que poderia ser feita pelas Adjuntas e a Diretoria Diocesana conjuntamente para, estudadas as necessidades e dificuldades das jecistas, de comum acôrdo estabelecerem as realizações, os estudos, etc. para o ano entrante. A aprovação do Assistente viria selar e ratificar os planos feitos.

2) — Os círculos para as dirigentes, que poderiam ser orientados pelas Adjuntas.

3) — Nos colégios, a Adjunta e não a Presidente Diocesana ou a dirigente leiga seria a organizadora dos movimentos e a responsável pela formação das pequenas apóstolas, sendo ela, por sua vocação, a melhor formadora da alma das educandas, e podendo compreender, melhor que o Assistente e as leigas, a psicologia da jovem que lhe foi confiada.

Desta maneira as jecistas não sentiriam a transição das aulas recebidas das religiosas para os círculos da Ação Católica, não sofrendo sua formação solução de continuidade e assim também os problemas de disciplina seriam resolvidos.

Importante é ter nos colégios, portanto, Adjuntas capazes, aptas a serem a alma da Ação Católica no estabelecimento e que, se por um motivo qualquer, estas Adjuntas precisarem ser transferidas, sejam providenciadas substitutas que possam continuar com eficiência o movimento.

Necessário é que a Adjunta tenha um conhecimento profundo, ou ao menos suficiente da Ação Católica: finalidade, necessidade, organização, métodos, problemas de cada meio, e possua um conjunto de requisitos, dos quais dependerá, em grande parte, o êxito da Ação Católica no colégio.

- 1) — **Qualidades naturais:** simpatia das alunas, para facilitar os contactos; compreensão da estudante, com seus problemas, dificuldades e energias latentes; iniciativa, entusiasmo e perseverança, para desenvolver nas alunas estas mesmas qualidades e o senso de responsabilidade; amor à JEC, sem o qual nada fará com eficiência.
- 2) — **Qualidades sobrenaturais:** vida interior profunda, que é a alma de todo o apostolado; zêlo das almas, que se irradie nas futuras apóstolas; humildade, para querer que o trabalho das alunas apareça e o seu passe despercebido e apagado.

b) — Quanto ao segundo ponto, que a Ação Católica muitas vezes não incrementa e até desvia as vocações religiosas, não é dificuldade exclusiva de alguns lugares do Brasil, mas já foi assunto debatido em Roma, no Congresso Geral dos Estados de Perfeição, em 1950, e já foi também objeto de lamentação por parte de Episcopado francês (“Acta et Doc. Congr. Gen. de Statibus Perfectionis”, vol. III).

Importa, para obviar a esta queixa, que a Ação Católica siga a exortação do Pontífice Reinante em seu Motu proprio “Primo feliciter” (12-3-48): “Na verdade — diz Pio XII — aos Diretores e Assistentes da Ação Católica e das outras Associações de fiéis, em cujo seio são ao mesmo tempo educados para uma vida cristã integral e iniciados no exercício do apostolado tão numerosos e escolhidos jovens, que são chamados com vocação divina a conseguir mais alta perfeição, seja nas Religiões e Sociedades de vida comum, seja também nos Institutos seculares, com coração paterno recomendamos que cultivem generosamente dêste modo santas vocações” (apud “Acta et Doc. Congr. Gen. de St. Perf.”, vol. III).

Se a Ação Católica quer levar seus membros à perfeição, deve apresentar-lhes também o ideal de vida perfeita no estado religioso. Isto conseguirá fazendo círculos não só sobre o casamento, mas também sobre a vocação religiosa, mostrando sempre, como admiravelmente o faz Pio XII na “Sacra Virginitas”, a grandeza e as vantagens da virgindade cristã, sua excelência sobre o matrimônio, sua fecundidade apostólica, fomentando assim o ideal sublime da vida religiosa.

IV — Pessoal e Finanças.

Na verdade, como temos visto até agora, a colaboração das religiosas nas paróquias e dioceses é uma colaboração de pessoal e não financeira.

1.º — Colaboração de pessoal.

As religiosas oferecem com desinterêsse e generosidade suas fôrças, suas energias tôdas e sua dedicação para o serviço de Deus nas almas. O valor de seu trabalho é imenso, pois, desembaraçadas dos cuidados terrenos, consagram-se inteiramente a estas obras de apostolado.

Como a graça supõe sempre a natureza, é mister que as religiosas desenvolvam e enriqueçam os talentos naturais que Deus lhes deu e a capacidade de dedicação de seu coração virginal, preparando-se para o desempenho dos trabalhos que lhes foram confiados. Se nosso dever de estado, como diz o Código de Direito Canônico (can. 487), é tender à perfeição, devemos concretizar esta tendência em tôdas as nossas obras, procurando portanto que elas sejam sempre e em tôda a parte as melhores, superiores às dos leigos, para a maior glória de Deus.

Como escreveu o Revmo. Pe. Basílio da Imaculada, C. P., em uma tese apresentada em Roma no Congresso Geral dos Estados de Perfeição (1950), para que tenham “perene eficiência e eficácia as principais formas de apostolado”, “o Apóstolo deve hoje adequar ao tempo e às necessidades da sociedade moderna sua ciência, sua técnica e sua piedade” (“Acta et Documenta Congressus Generalis de Statibus Perfectionis”, vol. III).

2.º — Colaboração financeira.

Estudemos os casos em que esta nos é solicitada:

a) — Para os movimentos universais da Santa Igreja, como as Missões entre os infiéis. Necessária é aqui a colaboração das religiosas, sobretudo promovendo e incentivando campanhas entre seus assistidos. A todos os cristãos se dirigiu S. Santidade Bento XV na encíclica “Maximum illud”: “Mui primeiramente — escreveu o Pontífice — importa que os fiéis se dêem conta do dever sagrado que lhes incumbe de auxiliarem as missões entre os pagãos, pois Deus “fêz uma lei para cada um de se interessar pelo seu semelhante” (Ecli. 17, 12); e êsse dever torna-se tanto mais imperioso quanto em maior penúria se achar colocado. Ora, haverá homens mais merecedores da caridade de seus irmãos do que os infiéis,

que o desconhecimento de Deus vota ao desencadear cego das paixões e mantém acorrentados na mais odiosa das escravidões, a do demônio?”. “A todos pedimos, pois, se mostrarem tão generosos quanto lhes permitirem os seus recursos”.

b) — Oportuna também é esta colaboração para certos movimentos diocesanos que tocam de perto a vida espiritual dos povos, como a Obra das Vocações Sacerdotais, sobretudo em um país do qual afirmou Pio XI em sua carta “*Quamvis nostra*”, que “por sua condição natural e extensão, certamente exige maior número de padres do que outros”.

c) — Para os movimentos locais geralmente não parece aconselhável esta colaboração, pois por via de regra nossas obras já reclamam o auxílio do povo para suas necessidades materiais, que às vezes são grandes, e novos pedidos, bem como repetidas campanhas financeiras, viriam sobrecarregar e cansar as famílias dos alunos, os benfeitores e frequentadores da casa.

Casos há, entretanto, em que isso é possível, e pode haver ocasiões em que seja até aconselhável, quando por exemplo a obra está em boas condições econômicas e não tem particulares necessidades e a paróquia, ao contrário, está com sérios embaraços para a construção da Matriz, ou para a realização de suas obras sociais. Aí seria ocasião para despertar nos assistidos o zelo pela Casa de Deus ou a caridade para com o próximo necessitado, fomentando o sentido de paróquialidade.

d) — Tratando de colaboração financeira das obras, resolvemos abordar um ponto para o qual nos chamou a atenção o Revmo. Pe. Secretário da Conferência dos Religiosos. Muitas dioceses, paróquias e casas religiosas têm patrimônio, que é colocado em bancos ou aplicado em imóveis, rendendo uns juros irrisórios e produzindo outros um aluguel insignificante. Ora, num contrato, outras dioceses, paróquias e casas necessitam de financiamento para suas obras e vão pedi-lo aos mesmos bancos, que os fornecem a juros elevados.

Porque não estabelecermos então uma colaboração entre nossas obras, oferecendo umas capital a juros módicos, e outras aceitando êstes empréstimos, ficando assim favorecidas as duas partes?

Talvez exista o temor de que a obra financiada não restitua o capital. Temos, contudo, notícia de muitos bancos que faliram, mas não nos consta que até hoje nenhuma Congregação religiosa tenha sofrido falência. É apenas uma questão de contrato e de seriedade entre nós e devemos depositar mais confiança nos Ministros e nas Espôsas de Cristo do que nos leigos. A Conferência dos Religiosos do Brasil já tem sido inter-

mediária em negociações dêste gênero e está disposta a incentivá-las sempre mais, contribuindo dêste modo para a ajuda que nos devemos dar mutuamente na construção da Cidade de Deus.

V — Obras por Administração.

Ainda uma forma de colaboração das religiosas com as paróquias e dioceses está na administração, por parte das Congregações, de obras paroquiais ou diocesanas.

Uma estatística apresentada no 1.º Congresso Nacional de Religiosos, em 1954, forneceu-nos os seguintes dados:

De 1.181 casas religiosas que responderam o questionário, eram:

- 630 de administração própria da Congregação,
- 457 de administração de obras leigas,
- 19 de administração de obras do Govêrno e
- 75 de administração de obras pertencentes à Mitra Diocesana.

Isto prova que 6,3% das obras religiosas são da mais estrita e absoluta colaboração com as dioceses, colaboração esta fundada em um contrato.

Também aqui alguns pontos a considerar, ajudando-nos nisso a experiência de Congregações religiosas e as normas elaboradas pelo Departamento de Serviço e Assistência Social da Conferência dos Religiosos (Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil, n.º 8, págs. 123-125).

1.º — A Congregação contratada deverá agir na obra inteiramente de acôrdo com as orientações e determinações da Autoridade Diocesana ou Paroquial.

2.º — Em um contrato inicial, deve estipular bem a natureza e extensão do trabalho a realizar na obra, assim como suas condições.

3.º — Tem a Congregação direito de pedir uma remuneração que compense os trabalhos e a dedicação das religiosas e que seja suficiente não só para manutenção daquelas que aí dispendem o melhor de seus esforços, mas também para possíveis despesas extra: tratamentos, operações, etc., como ainda para enviar à Casa Geral ou Provincial, como emolumentos, a quantia que lhe foi estipulada.

4.º — Na redação do contrato, ao fixar o número de religiosas remuneradas, prever a possibilidade de aumentá-las, caso as necessidades da obra o exigirem, garantindo também para elas a devida remuneração.

5.º — Se de um lado a Congregação tem êstes direitos, de outro tam-

bém pode ela considerar a penúria de certas obras, como por exemplo os Seminários e, aguardando de Deus maior retribuição, não exigir o que lhe seria devido.

6.º — Prever e determinar no contrato a situação de possíveis religiosas não adidas aos trabalhos da obra e que entretanto ficarão residindo na mesma casa, sendo por ela mantidas.

7.º — Estabelecer claramente que o pessoal técnico, remunerado, será fornecido pela Congregação, sempre que esta o tiver disponível. Sòmente na falta de pessoal religioso é que se recorrerá a elementos leigos.

8.º — Deve ser garantido um salário para os leigos que serão contratados, podendo-se admitir assim pessoal habilitado para as respectivas funções, ou ao menos capaz de aperfeiçoamento e orientação.

9.º — E' mister que as religiosas estejam habilitadas para o desempenho das funções que lhes serão atribuídas, a fim de corresponderem à confiança da Diocese ou da Paróquia e produzirem o máximo em seus trabalhos, para a glória de Deus.

10.º — E' de tôda a conveniência que a Congregação mantenha um Diário de Ocorrências e de Trabalho, a fim de apresentar à diocese ou à paróquia, ao menos trimestralmente, um relatório circunstanciado daquilo que foi realizado, tornando-a ciente das dificuldades que se apresentam e do trabalho feito.

11.º — Nestas obras, mais que em quaisquer outras, a integração com a diocese ou paróquia deve ser perfeita e tudo nelas deve visar o desenvolvimento pleno da vida paroquial e diocesana.

VI — Unidade nos Movimentos de Apostolado. Variedade de Métodos, Formas e Coloridos.

Já vimos ligeiramente as principais formas de colaboração que as obras religiosas podem prestar à paróquia e à diocese e como tôdas as nossas obras devem tender à participação máxima da vida paroquial e diocesana.

Na verdade, se a primeira nota característica da Igreja de Jesus Cristo é a unidade, esta se faz mais fácil e mais íntegra quando congrega em tórno dos legítimos pastores tôdas as ovelhas do redil: "et fiet unum ovile et unus pastor" (Jo. 10, 16), e quais são os nossos pastores senão o Papa, os Bispos e seus representantes, os Párocos?

E' necessário portanto que tenham tôdas as nossas obras esta unidade nos movimentos apostólicos, mas a esta unidade corresponde uma

ordenada variedade de métodos e de formas, próprios do espírito e da finalidade das diversas famílias religiosas.

Podíamos aplicar aqui a palavra augusta de Pio XII, na encíclica "Summi Pontificatus", falando sobre a unidade fundamental da família humana e as particularidades próprias de cada estirpe: "A Igreja de Cristo, fidelíssima depositária de uma sabedoria divina e educativa, não pode cogitar nem cogita em criticar ou menosprezar as características que cada povo custodiava, com ciosa devoção e compreensível ufanía, e considera como patrimônio precioso. O seu escopo é a unidade sobrenatural no amor universal, sentido e praticado, e não a uniformidade, exclusivamente exterior, superficial e por isso mesmo debilitante".

"A Igreja é um corpo uno e indiviso" — ensina o mesmo Pontífice em "Mystici Corporis Christi" — mas "o corpo requer multiplicidade de membros, que unidos entre si se auxiliem mutuamente".

O que é necessário, portanto, é coordenar tôdas estas energias nos vínculos de uma santa fraternidade, convergindo-as para um único fim: a restauração do reinado de Cristo, a maior glória de Deus. Unidas seremos "terribiles ut castrorum acies ordinata", para a salvação da humanidade em tôdas as paróquias e dioceses dêste nosso imenso Brasil.

Assim, em cada uma delas as religiosas educadoras e missionárias, usando cada qual os métodos que lhe são peculiares, darão a Deus os grãos de trigo que plantarão e colherão na seara das almas que Ele lhes confiar; as hospitalares e de assistência social, em seu trabalho multiforme, apresentar-lhe-ão a água pura dos sofrimentos aliviados ao próximo para aproximá-lo de Deus; as contemplativas amassarão o trigo com suas penitências, misturá-lo-ão com a água por meio de suas preces e formarão as hóstias, que o Bispo ou o Pároco oferecerá a Deus no altar do Sacrifício, cooperando tôdas, cada uma a seu modo, com seus métodos e formas de apostolado, para a realização do pedido de Jesus Cristo ao Pai: "Ut omnes unum sint". (Jo. 17, 11).



CELEBRANDO AUREO - JUBILEU

Pe. Sebastião Maria Martin. ss. cc.

E' com imenso júbilo que os Padres da Congregação dos Sagrados Corações vêm passar no próximo dia 24 de Agosto a áurea data da fundação da Obra da Entronização do Sagrado Coração de Jesus nos lares; júbilo êste que desejaríamos dêle todos participassem, máxime, por se tratar de uma Obra que além de reunir no seu espírito e no apostolado tôda a síntese da devoção ao Sagrado Coração, ela é, no sentir do próprio Fundador e de diversos Romanos Pontífices, o instrumento providencial de que Deus se quer servir para recristianizar os lares modernos paganizados. Efetivamente, hoje como ontem, o mesmo brado de amor sai do coração do nosso Divino Salvador: **TENHO SÊDE!** Sim, tenho sêde de almas que vivem no convívio familiar. Dai-me almas! Dai-me lares! Dai-me famílias! Êste é o grito do Coração de Jesus nestes tempos aziagos. E a quem mais do que a nós Sacerdotes-Religiosos corresponde atender êste veemente apêlo do Sagrado Coração? E' por isso que o Pe. Mateus muito insiste e muito solicita a colaboração especial do clero religioso ou secular na expansão desta Obra singular. Antes, importa, porém, que todos e cada um de nós, nos compenetremos e saibamos levar às famílias o verdadeiro espírito da Entronização, fazendo-a viver cada dia e a cada instante nos lares consagrados ao Sacratíssimo Coração. Quem não conhece entre nós pessoalmente ou através dos seus inflamados escritos o Pe. Mateus? Permitti-me, porém, me sirva do ensejo desta áurea data para mais uma vez, relembrar esta figura singular a todos aquêles que **congregavit nos in unum Christi amor** lutamos sob a mesma bandeira e à conquista dos mesmos interêsses do Sagrado Coração de Jesus.

Foi, de fato, aos 24 de agosto de 1907, quando de sua primeira viagem à Europa, que o Revmo. Pe. Mateus recebeu, no Santuário da Visitação de Paray-le-Monial, enquanto orava aos pés das relíquias de Santa Margarida Maria, a missão providencial de reconquistar para o Coração do Rei de Amor, o mundo inteiro, família por família, por meio da Entronização vivida desse Divino Coração.

Em traços esquemáticos, trataremos de expor através de diversos artigos a história dessa singular Cruzada, de modo especial, a história dos primórdios em que aparece como que evidenciada a intervenção divina, ou repetindo as mesmas palavras do Pe. Mateus, “as origens divinas de uma Obra divina”.

O desenvolvimento portentoso da Obra da Entronização nestes 50 anos de vida pode ser comparado àquele grão de mostarda de que nos fala o Evangelho (S. Mat. XXX-31) e em que o Divino Nazareno, com tôda a serenidade de espírito e com a sua inabalável confiança na vitória final e definitiva da sua causa, propõe aos seus discípulos como um verdadeiro brado de triunfo soltado em pleno campo de batalha contra os murmuradores, pusilânimes e perseguidores da sua Missão Salvadora.

Outro tanto poderíamos nós afirmar da Entronização, hoje em dia espalhada e conhecida por todo o mundo. Ela nasceu do próprio Coração do Cristo e foi transplantada para o coração ardoroso do seu infatigável apóstolo para que êle, por sua vez, coadjuvado pelos seus irmãos de religião e de hábito, a espalhasse de lar em lar, de família em família, até atingir os mais variados e longínquos setores de vida social do mundo e a todos conquistá-los para o domínio da Realeza Divina.

Verdadeiramente, há motivos reais para nos regozijarmos por tão auspicioso e áureo aniversário; e, em particular, pela alegria santa que certamente há de experimentar o próprio fundador, pensando que foi o convento dos Sagrados Corações em Valparaiso no Chile — onde agora se encontra — o berço da sua obra que, após 50 anos, contempla exuberante e cheia de opimos e abundantes frutos com a variedade das suas Ligas Auxiliares.

Sem dúvida, menor não deve ser a alegria dos inúmeros cooperadores, e sacerdotes, quer religiosos quer seculares que vêm, também, tomando parte ativa nesta obra maravilhosa no decorrer deste meio século de apostolado. Muitos dêles já passaram, após muitas fadigas e tribulações do apostolado, à melhor vida, recebendo o prêmio prometido aos apóstolos. Convém que todos e cada um de nós demos graças ao Sagrado Coração pelo trabalho felizmente realizado até o presente e que esta íntima alegria que

experimentamos sirva de estímulo para novas conquistas e realizações em prol do Reinado Social do Sagrado Coração de Jesus nas Famílias.

Por ocasião dêste feliz aniversário, certamente muitos de nossos leitores e amigos mandarão celebrar missas por intenção do grande fundador e não faltarão também aquêles que, com verdadeira gratidão e carinho, como discípulos de tão prezado mestre, lhe brindarão com rico ramalhete espiritual de orações, comunhões e santos sacrifícios. Mas, acima de tudo e como prova de admiração e verdadeira amizade, rogamos a todos êles envidar os mais amplos esforços na propagação de suas obras, tanto a da Entronização, como a da Adoração Noturna no Lar e das outras Ligas Auxiliares. Prometamos, sobretudo, haver de guardar cuidadosamente e tal como êle o idealizou o depósito que sob a inspiração do Coração Divino nos confiou. Promovamos a Entronização não de qualquer modo, mas da maneira pela qual êle próprio, durante 50 anos ininterruptos, a pregou e organizou por tôda a parte.

Conserve-se, pois, a Entronização, no seu espírito e na sua forma, tal como êle a fundou e da maneira que deseja continuemos a estabelecê-la. O espírito, a medula desta obra maravilhosa e suas Ligas Auxiliares não é outro sinão o espírito da verdadeira devoção ao Sagrado Coração de Jesus tal como foi revelada a Santa Margarida Maria, no seu quádruplo aspecto de Amor, Reparação, Adoração e Apostolado.

Sim, antes de mais nada: luta em prol do domínio da Realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo, ou, o que é o mesmo, em prol do domínio de Seu Amor, isto é, do Seu Coração.

Tal foi e ainda é a finalidade que tem em vista o Fundador, em tôda sua atividade: para que reine e impere o Rei dos Reis e o Senhor dos senhores em cada família, e, por influxo dela, na sociedade e na vida social das nações. A Êle próprio e só a Êle compete o primeiro lugar que a Entronização requer, dado que só Êle “tem o primado de tudo” e só Êle é o Senhor e Altíssimo Jesus Cristo, Rei do Amor.

Permanença, sobretudo, a obra realmente católica, isto é, universal, como exige absolutamente a natureza íntima da mesma.

E, na verdade, o domínio real de Jesus estende-se a todos e a tudo e não há homem, nem nação, sôbre que não convenha que domine. Convém, pois, a Entronização a tôdas as nações, e ela se adapta facilmente às condições particulares de cada qual. Tome-se, porém, cautela para não resvalar em perigoso “nacionalismo”.

Seja **obra de amor** no que concerne a ensinar as famílias a viverem no espírito de amor para com Jesus: e em quaisquer de seus afazeres coti-

dianos, tanto da vida privada como da doméstica e pública, dos mesmos se desempenhem o mais perfeitamente possível por amor do Rei de Amor.

Seja obra de satisfação ou reparação. E na realidade, o serviço da Entronização tem como objetivo explícito reparar as ofensas que, cada dia e em todo lugar, menoscabam e ultrajam seus direitos.

Seja obra de apostolado, em pról do Reino Social do Coração de Jesus. Em verdade, convém que as famílias não guardem só para si os frutos opimos da Entronização, mas que os comuniquem aos demais, por fôrça da caridade fraterna que não se pode separar do amor em Jesus.

Seja ainda obra que proceda principalmente do espírito sobrenatural no que se refere à consecução dos efeitos que não se devem esperar unicamente e principalmente da perfeição dos meios humanos, mas, antes e acima de tudo, da ação imediata e direta do Sagrado Coração de Jesus nas famílias que se submetem, por meio da Entronização, a seu suavíssimo império.

E realmente, os apóstolos nêste certame em pról do Reino de Cristo não passam de meros instrumentos. Sejam-no, portanto, o mais perfeitamente possível não só **material** como **formalmente**.

Quanto mais atuarem por modo instrumental, tanto mais o próprio Rei por si manifestará seu poder e sua misericórdia.

Seja mesmo **meio de conversão** e não tão só prêmio da virtude já conseguida. Assim, com efeito, desde o início e por todo o decurso de sua história, apareceu-nos a Entronização como nos pôde dizer o Revmo. Pe. Mateus e, com êle, a maioria de seus cooperadores, que o milagre de conversão é como o sinal distintivo desta Obra. Por seu intermédio, e nos expressamos com as palavras do Fundador, Jesus, como em sua vida mortal, não se recusa, pelo contrário, deseja “comer com os publicanos e pecadores” para que voltem todos a melhor vida espiritual.

Mais ainda. A Entronização deve ser dom gratuito por parte da família e que não se faça principalmente e, de certo não unicamente, para se conseguirem benefícios prometidos. Antes de mais nada, decida-se a família por motivo de amor, para oferecer algo ao Coração de Jesus e não para dêle receber honra e favor, serviço e compensação. Não se quer dizer com isso que se deve excluir a esperança de receber, mas que seja para segundo ou último plano. Além disso, quanto mais por amor só se procede na Entronização, tanto mais favores dará a magnanimidade do Rei que mortal algum jamais pôde superar.

Terminemos estas rápidas considerações, relembando as palavras

que o saudosíssimo Cardeal Leme escreveu aos 17 de outubro de 1941 ao Revmo. Pe. Diretor Nacional da Obra da Entronização no Brasil:

“Revmo. Padre Diretor. Bem compreendida, vale a Obra da Entronização do Sagrado Coração de Jesus nos lares por uma “Santa Missão” de todos os dias e tôdas as horas. Muito adaptado ao meio brasileiro e tão fecundo de graças é o piedoso exercício, que escrúpulos não pode deixar de sentir quem por sua difusão e prática não se interessar. Eis porque, para honra e glória do Sagrado Coração de Jesus e para o bem da família e da sociedade brasileira, a tôdas as almas cristãs empenhadamente recomendamos a Obra da Entronização e Ligas anexas”.

Que elas constituam um programa de apostolado e vida espiritual para todos e uma homenagem cordial e sincera ao querido Fundador pelo Aureo Jubileu que nesta data comemoramos.

COR JESU SACRATISSIMUM, ADVENIAT REGNUM TUUM.



50 ANOS DE ATIVIDADES DAS CONEGAS DE SANTO AGOSTINHO NO BRASIL

por uma Religiosa Cônega de S. A.

Comemoram as Cônegas Regulares de Santo Agostinho da Congregação de Nossa Senhora de Jupille o cinquentenário da chegada das primeiras Religiosas da Congregação ao Brasil.

Desembarcando no Rio a 17 de dezembro de 1906, dirigiram-se imediatamente as cinco fundadoras para a capital paulista, onde deviam iniciar as suas atividades educacionais.

Efetivamente, a 19 de março de 1907 inauguraram elas, à Rua Caio Prado, o primeiro colégio da Congregação em terras brasileiras.

A Ordem das Cônegas de Santo Agostinho da Congregação de Nossa Senhora foi fundada por S. Pedro Fourier, o grande apóstolo e benfeitor da Lorena (1565-1640), beatificado em 1730 e canonizado por Leão XIII em 1897.

Entrara aos 20 anos na Ordem dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho. Autor de uma reforma dessa ordem sob o nome de "congregação de Nosso Salvador", S. Pedro Fourier enxerta no antigo tronco da regra de Santo Agostinho, uma Congregação de religiosas, com o fim de remediar a um dos grandes males da época: a ignorância e a falta de educação cristã da mocidade feminina.

Foi sua cooperadora nesta obra, a Madre Alix Le Clerc, beatificada em 1947 por Pio XII. Era uma jovem de rara virtude, e inspirações puramente divinas a haviam preparado para esta missão. Alix reuniu algumas companheiras, e tôdas juntas, primeiramente em Mattaincourt, depois em S. Michel, mais tarde em Nancy, fizeram sob a direção do Santo Pároco, o aprendizado da vida de religiosa e de educadora.

As práticas espirituais comuns a tôdas as Congregações, acrescentou o Fundador a obrigação do Breviário Romano, recitado em côro.

Inteligente era o método de ensino adotado pelas novas professôras que, além da experiência pessoal, fruíam das sábias lições de um pedagogo incomparável como foi S. Pedro Fourier. Êste, com uma prudência tôda sobrenatural, utilizava, das experiências feitas, as que lhe pareciam mais aptas às necessidades intelectuais, e registrava-as dia a dia em suas Constituições; espírito prático e providente, esmerou-se em aperfeiçoá-las durante trinta anos, precisando-as cada vez mais.

Constantemente, instruções e cartas levavam aos vários Mosteiros a sua palavra tão luminosa e suavemente formadora. Conservadas com carinho por suas filhas, continuam hoje ainda a infundir-lhes o espírito do Fundador.

Desenvolvimento.

A obra de Pedro Fourier teve grande desenvolvimento, mesmo durante a sua vida. Deixou 49 Mosteiros animados de seu espírito e espalhados não só pela Lorena, mas também pelos outros países da Europa. A morte do Santo Fundador não impediu o crescimento de sua obra, que continuou a prosperar até a época da revolução francêsa, de tal forma que, no momento do "Terror", contava ela, na França e na Alemanha, 90 Mosteiros e mais de 4.000 religiosas. E apenas dissipado o pânico da revolução, a ordem retomou novo impulso.

Em 1878, durante a perseguição do "Kulturkampf", o Mosteiro de Trêveres, transferiu-se para Jupille, perto de Liège (Bélgica), onde gozou de plena prosperidade.

Quando, em 1901, as comunidades francesas foram obrigadas a fechar os seus Mosteiros, fundaram-se novas Casas da Congregação em outros países: Inglaterra, Holanda, Bélgica, Hungria, etc.

Por uma lei quase geral, a necessidade de centralização fêz-se sentir; a Santa Igreja, porém, sempre maternalmente prudente e ciosa dos interesses particulares de cada Casa, autorizou a formação de diversos grupos, e deixou autônomos os Mosteiros que assim o desejassem.

Constituíram-se desta forma várias "Unões", sendo a primeira na ordem cronológica, a de Jupille, que teve origem em 1897.

Visivelmente abençoada por Deus, viu esta União crescer o número de seus membros e multiplicou seus centros de ação, estabelecendo-se em vários países da Europa, América e África.

Compreende atualmente 18 casas, sendo 8 no Brasil (1).

As religiosas dedicam-se à obra da educação, sob as suas variadas formas e graus, desde as Missões do Congo, às escolas rurais e centros sociais do litoral paulista, até o ensino universitário de uma Faculdade de Filosofia.

Organização.

A Congregação de Nossa Senhora de Jupille é governada por uma Superiora geral assistida por um conselho. A Casa - Mãe "Jupille" é o mosteiro onde residem o generalato e o noviciado central.

Cada Mosteiro é dirigido por uma Superiora local nomeada pela Superiora geral. E' ela auxiliada por uma assistente e por um conselho, eleitos pela Comunidade.

As casas do Brasil constituem um Vicariato a cuja frente se encontra a Superiora Vigária, secundada em seu cargo por um conselho Regional nomeado pela Superiora Geral. A séde do Vicariato é o Colégio das Cônegas de Santo Agostinho, onde funciona igualmente o Noviciado Regional.

No Noviciado recebem as candidatas à vida religiosa a formação que as prepara para o duplo fim do instituto: a recitação em-côro do Breviário Romano e a obra da educação. Procura-se dar às candidatas o desenvolvimento conveniente; respeitando-se a personalidade e os dons de cada uma.

Ordem do dia.

As Religiosas repartem o tempo entre os exercícios e as aulas, reservando-se, entretanto, o necessário para o recreio e o descanso.

A Missa conventual reúne diariamente a Comunidade na mesa eucarística, que forma verdadeiramente o centro da vida. A recitação do Offício divino toma duas horas distribuídas durante o dia; de onde resulta

(1) — As casas do Brasil estão assim distribuídas: em São Paulo: o Colégio das Cônegas de Santo Agostinho com a Escola anexa Santa Mônica e o Secretariado da Cruzada Eucadrística; a Faculdade "Sedes Sapientiae", o Externato "Madre Alix" e a escola anexa Nazaré; em Santos: o colégio "Stella Maris" com a escola anexa "Santa Tereza", e a A. L. A. (Assistência ao Litoral Anchieta) com seus dois centros de extensão em Apiaí e Ubatuba; em Pôrto Alegre: o Instituto Nossa Senhora das Graças; em Erechim: o Instituto Nossa Senhora da Bela Vista; e em Recife o Colégio "Regina Pacis", fundado pela casa de Ofenburgo e integrado recentemente no Vicariato do Brasil.

Existem Noviciados e Postulados em São Paulo e Recife; Juvenatos em Santos, Recife e Erechim.

uma alternância de oração e de trabalho, muito propícia ao recolhimento e ao desenvolvimento de uma vida interior intensa.

Tôdas as religiosas fazem uma hora de meditação dividida em duas partes, e meia hora de leitura espiritual; rezam ainda em particular o têrço e fazem, se possível, uma visita ao Santíssimo.

Espírito da Congregação.

A Congregação de Nossa Senhora de Jupille, apesar da distância que separa os Mosteiros, goza de uma vida monástica essencialmente familiar.

Dois grandes Santos, abraçados do amor de Deus e do próximo, legaram à Ordem, como herança espiritual, o tesouro de sua ardente caridade. Santo Agostinho começa a sua Regra por estas palavras: "Antes de tudo, caríssimas Irmãs, amai a Deus e em seguida ao próximo..." e S. Pedro Fourier, imitando o grande Bispo de Hipona, toma como lema: "Bem a todos e mal a ninguém".

Fléis aos desejos de seus Fundadores, as Cônegas Regulares de Santo Agostinho da Congregação de Nossa Senhora guardam ciosamente esta herança e consideram a caridade como seu maior tesouro.

No convívio comum, essa caridade se manifesta por uma grande simplicidade e um verdadeiro espírito de família. Daí resulta essa atmosfera doce e suave, em que se respira a verdadeira liberdade dos filhos de Deus, e que Santo Agostinho parece entrever no final de sua Regra, quando diz:

"Deus vós faça a graça de observar estas regras com amor e alegria, amando a beleza espiritual das virtudes, e exalando em vossa conversação o odor da santidade, não como escravas sob o jugo da lei, mas, livremente sob a ação da graça".



COMUNICAÇÕES E CRONICAS

Tricentenário Franciscano.

No corrente ano, a Província franciscana de Santo Antônio do Brasil completa o tricentenário de sua fundação; pois, data de 24 de agosto de 1657 a bula pontifícia pela qual o Papa Alexandre VII elevou a então custódia de Santo Antônio à categoria de província independente da província-mãe lusitana. Já os franciscanos se dedicavam à faina da catequese desde o descobrimento do Brasil, pertencendo às suas fileiras os dois protomártires que mais ou menos em 1516 tombaram sob as clavas dos tupiniquins de Pôrto Seguro (Bahia).

Mas a definitiva organização da catequese franciscana realizou-se com a fundação da custódia de Santo Antônio em 1585 pelo Pe. Custódio Frei Melquior de Sta. Catarina, cujo govêrno chegou a administrar 18 aldeias entre Alagoas e Paraíba, inclusive a dos antropófagos Caetés que em 1556 haviam trucidado e devorado o primeiro bispo do Brasil, Dom Pedro Fernandes Sardinha.

Após a criação da província, o apostolado catequético entre os filhos da selva ainda se estendeu mais, penetrando os seráficos arautos de Cristo até o alto sertão. Por volta de 1700, o número das missões franciscanas subiu a 25, embora algumas tivessem existência efêmera, chegando porém as da Bahia a quase 150 anos de vida, quando caíram vítimas da paulatina supressão das ordens religiosas. Mas, uma vez restaurada a província de Santo Antônio em 1901, os frades menores reassumiram a sua nobre missão trissecular entre os Indios Munducurus na prelazia de Santarém, que S. Pio X em 1907 lhes confiou.

Esta missão criou ultimamente uma fama mundial graças ao livro de Arthur J. Burks "Bells above the Amazon", cuja tradução portuguesa de Petrópolis é intitulada "Sinos à margem do Cururu" e em alemão (Styria-Verlag) "Glockem am Kururu". Reconhecendo hoje mais do que

nunca a importância da conversão de nossos patrícios selvícolas, a província de Santo Antônio incluiu no programa do tricentenário uma exposição missionária dos Índios Munducurus que percorrerá várias cidades a fim de despertar de novo o interesse dos católicos pela propagação da fé na vasta Amazônia.

O espaçoso prédio da Ven. Ordem Terceira Franciscana de Recife estreará com a bela exposição missionária de 29 de setembro até 13 de outubro próximos, servindo de competente cicerone o Pe. Missionário de Munducuru Frei Plácido Toelle, O. F. M., o qual há 40 anos vem se dedicando àquela tribo. No mesmo local ainda funcionarão secções de arte sacra franciscana antiga e moderna, filatelismo, movimento publicitário da editora Mensageiro da Fé, da Bahia, e o movimento religioso, social e cultural dos 30 conventos da província franciscana de Santo Antônio, através de fotos e gráficos de estatística.

A mesma exposição, a ser repetida na Bahia de 3 a 10 de novembro, figurará no claustro do célebre convento franciscano, facilitando também às senhoras a entrada na sala do capítulo, sacristia e claustro, partes que geralmente ficam na clausura.

Congresso Mundial da O. C. I. C.

Sob a presidência do Emmo. Card. Arteaga, Arcebispo de La Havana, e com a presença de um observador da Santa Sé e representante da Comissão Pontifícia para o Cinema, Rádio e Televisão, dos Arcebispos de México e La Paz, e de delegados de 29 países, realizou-se com êxito em La Havana, Cuba, o Congresso Mundial da O. C. I. C. Os participantes do Congresso Mundial chegaram unânimesmente à conclusão de que "o cinema é no mundo moderno um instrumento privilegiado, colocado providencialmente à disposição do homem para fazê-lo participar de uma cultura autêntica e específica, visto que, na realidade, partindo do valor instrutivo, estético, moral e espiritual das imagens e dos argumentos, o cinema abre ao homem uma visão do mundo e dos seres, que concorre a elevá-lo e contribue à aproximação e à compreensão entre os indivíduos, as classes, as nações e as raças". É necessário alcançar, como efeito do Congresso, para o catolicismo americano, uma visão nova, uma melhor compreensão do apostolado cinematográfico e uma decidida vontade de pôr em prática tôdas as premissas fixadas. Pelo que é absolutamente necessário:

1) — Conseguir que em cada país, sob os auspícios da Hierarquia e como mandatário da mesma, se estabeleça o Centro Nacional que se ex-

tenderá a todo o território através de seus respectivos órgãos diocesanos e paroquiais. E naqueles países onde já existe dito Centro Nacional, todos, sacerdotes, religiosos, fiéis e homens de boa vontade, devem dar-lhe generosamente sua total cooperação para que possa amplamente cumprir sua missão de dirigir, estimular, orientar, ajudar e ordenar quantas atividades se realizam neste campo.

2) — Como “a cultura cinematográfica é indispensável para formar o espírito crítico do espectador e ajudá-lo a sair de sua passividade para participar mais ativamente no fenômeno cinematográfico”, urge patrocinar por todos os meios adequados as obras que levam a êste fim como: cine-clubes, cine-forums, dias de estudos, cursos especializados, institutos de filmes, revistas católicas do cinema, etc. Esta educação para o cinema, indispensável em nossos dias, deve começar com a juventude; daí a conveniência e a importância de que seja introduzida nos colégios como parte do programa de ensino.

3) — Favorecer por todos os meios disponíveis o circuito comercial dos bons filmes, fazendo intensa propaganda em favor dos mesmos e prestando uma entusiasta e sincera colaboração aos distribuidores, empresários, etc.

Primeiro Congresso Latino-Americano do C. I. C. I. A. M. S.

No próximo mês de setembro, de dia 22 a 28, será realizado em Buenos Aires o **Primeiro Congresso Latino Americano de Enfermeiras e Assistentes Médicos Sociais**, patrocinado pelo C. I. C. I. A. M. S. (Comité Internacional Catholique des Infermières et Assistantes Médico-Sociales).

O tema central do Congresso será: “A saúde da Comunidade e a Enfermeira Católica na equipe sanitária”, tema êste a ser desenvolvido em 1958, no Congresso Internacional do C. I. C. I. A. M. S. que se reunirá em Bruxelas. Além dêste tema central serão tratados os seguintes temas regionais: 1.º — Legislação para a Enfermeira; 2.º — Escolas de Enfermagem; 3.º — Necessidade urgente de formar Enfermeiras sanitárias. Haverá inscrições individuais (só para Enfermeiras diplomadas), com direito a voz e voto, e para Associação ou Escola, com voz e um voto; adesões, sem voz nem voto, para Médicos, Farmacêuticos, Odontólogos, Obstétricas, etc.

Chamamos a atenção das Enfermeiras Religiosas sôbre a importância não sômente do Congresso em si, mas por ser promovido pela organização internacional das Enfermeiras Católicas que atua no plano internacional junto à O. N. U.

A O. N. U. age neste campo através da O. M. S. (Organização Mundial da Saúde) da qual fazem parte como membros, com voto deliberativo, as Delegações dos vários Países que aderem às Nações Unidas. Têm relações oficiais com a O. M. S. também os Comitês Internacionais das Associações profissionais que gozam de voto consultivo. A classe das Enfermeiras é representada atualmente pelo I. C. N. (International Council of Nurses), neutro e sem confissão, e pelo C. I. C. I. A. M. S. que reúne as associações nacionais católicas de enfermeiras profissionais e assistentes sanitárias leigas. Urge portanto que tôdas as Religiosas Enfermeiras dêem sua colaboração formal a êste Comitê por meio de sua inscrição, mesmo através da A. B. En., de modo que sejam assegurados os benefícios da colaboração e a autonomia das Religiosas, e o Comitê Católico alcance aquêle peso e importância que lhe compete junto à O. M. S. e que atualmente, por vários fatores, é atribuído à organização neutra. A êsse respeito há uma circular da Sagrada Congregação dos Religiosos e a palavra de ordem do Exmo. Card. Valeri às Religiosas Brasileiras quando do II Congresso dos Religiosos em São Paulo: "Deve ser mesmo uma participação ativa a vossa, no campo nacional e internacional, à vida profissional pela presença nos colégios profissionais ou em outros organismos orientadores da citada profissão, com o fim de incutir-lhes os princípios de formação cristã, e afirmar com evidência o prestígio e a força numérica das religiosas no campo profissional".

Espera-se que as Religiosas Enfermeiras Brasileiras sejam, também numericamente, bem representadas no dito Congresso que é uma preparação ao outro internacional de Bruxelas.

Para maiores informações ou inscrições dirigir-se à Comissão Organizadora (Cangallo 1.281 — Buenos Aires — Argentina) ou à Secretária do C. I. C. I. A. M. S. para a América Latina, Da. Waleska Paixão (Rio de Janeiro).

Curso de formação para "Auxiliares dos Sacerdotes".

Diante do pequeno número de sacerdotes e dos problemas de apostolado que dia a dia se tornam mais numerosos e prementes, especialmente no Brasil e na América Latina, urge sempre mais a necessidade de almas generosas que se dediquem a um trabalho de apostolado utilíssimo à Igreja, auxiliando os Sacerdotes e permitindo-lhes dêsse modo uma ação mais direta no ministério paroquial e na cura das almas. Quem não lembra as diaconisas dos primeiros séculos que eram as auxiliares diretas dos Apóstolos e dos Bispos?

Há jovens que às vêzes têm dificuldades na escolha entre vida religiosa e casamento; há as que não se sentem chamadas para um serviço inteiramente dedicado a Deus, nem para o matrimônio. As moças de nosso tempo, conforme sua capacidade e suas possibilidades, devem e podem servir a sua paróquia. Existe aqui um campo ainda não explorado, embora o Brasil precise demais destas "auxiliares". Este serviço, este apostolado, é feito para o coração da mulher: "seguir o Cristo, ajudar o Cristo Sacerdote".

Esta missão requer uma profunda formação. No intuito de colaborar com este apostolado, as Monjas Beneditinas de Uberaba organizaram um curso de formação para senhoras e moças que desejarem ser "Auxiliares dos Sacerdotes". O prédio onde funcionará o curso (com internato para as que moram longe ou desejam ficar internas) já está pronto para receber as candidatas; chama-se "A Casa dos Anjos", pois estas senhoras, estas moças generosas serão verdadeiros anjos para o vigário e a paróquia, anjos de paz e de alegria, mensageiros do céu na defesa da Igreja, proteção das almas e transmissão da palavra de Deus.

O curso é de 1 (um) ano, e abrange as seguintes matérias:

- 1) — formação de catequistas;
- 2) — preparação e arranjo da igreja, altar e sacristia;
- 3) — do modo de ajudar na administração dos sacramentos, como guardar os livros, trabalhos paroquiais;
- 4) — desenho, bordado, confecção e conserto de paramentos;
- 5) — Liturgia, Sagrada Escritura, etc.;
- 6) — (facultativo) estudo de latim, canto gregoriano, harmonium.

O curso terminará sempre com exame e entrega de diploma, bem como com um retiro espiritual. Para maiores informações os Revmos. Vigários e pessoas interessadas dirigir-se-ão às Monjas Beneditinas — Mosteiro de Nossa Senhora da Glória (Rua Visconde do Rio Branco, 68), Uberaba, Minas Gerais.

Primeira Assembléia Nacional da F. I. R. O.

A Federação Italiana das Religiosas Hospitaleiras (F. I. R. O.) realizou em Roma, de 24 a 28 de abril, sua primeira assembléia nacional, para estudar os problemas que dizem respeito à vida e à perfeição religiosas no exercício da assistência aos doentes.

A assembléia alcançou as finalidades previstas, entre elas a de despertar a atenção da nação sobre a assistência aos doentes exercida pelas religiosas. Nêste século, depois das profundas transformações verificadas

no campo assistencial, do conceito da assistência desempenhada com espírito sobrenatural, por amor de Deus e do próximo, passou-se ao conceito da assistência técnica e profissional. Parecia haver algum antagonismo entre a técnica e a caridade, pois alguns, reconhecendo nesta um sublime e nobre ideal, consideravam-na sem a devida competência técnica e portanto não adequada aos tempos atuais, enquanto outros, fautores da técnica, esvaziavam a assistência do sentido cristão e humano; tornava-se evidente que a exigência da perfeição cristã viesse a ser sobrepujada pela idéia da técnica profissional. Não devem ser descurados os elementos técnicos que tornam a assistência mais perfeita e eficaz, mas devem ser considerados como parte integrante da caridade para com os doentes, e como simples instrumento que, sem o sôpro da caridade sobrenatural, se tornaria um grave perigo para a dignidade e liberdade humanas.

Na necessidade portanto de desenvolver uma ação comum para salvaguardar e incrementar a vida religiosa, a assembléia estudou o tema geral: "Vida e apostolado religiosos, técnica, organização e profissão da assistência sanitária". O Revmo. e Exmo. Pe. Arcádio Larraona, Secretário da Sagrada Congregação dos Religiosos, ditava pela manhã as meditações sobre: "A vida religiosa em ordem à assistência aos enfermos"; relatores de renome e grande competência desenvolveram os temas propostos: "Os Institutos Religiosos e a Assistência Sanitária" (S. Excía. Mons. Fiorenzo Angelini), "Evolução do conceito e da técnica da assistência" (On. Crescêncio Mazza, Alto Comissário para a Higiêne e Saúde), "Perfis de Santas Enfermeiras" (Frei Cassiano de Langasco O. F. M. Cap.), "Vantagens e perigos para a vida religiosa na assistência aos doentes" (S. Excía. Dom Pedro Canisio Van Lierde, Sacristão de Sua Santidade), "Organização profissional da assistência sanitária" (Irmã Angelina Adamini), "A autoridade da Igreja em relação à assistência aos doentes" (S. Excía. Dom Castellano, Assistente Central de A. C.), "Principais problemas de ética profissional na assistência sanitária" (Mons. Pietro Palazzini, Sub-Secretário da Sagrada Congregação dos Religiosos).

Estavam presentes 2.000 religiosas representando as 33.000 Irmãs que na Itália se dedicam à assistência aos doentes, das quais 18.000, além do diploma de medicina, possuem diploma de estado. Quis assim a F. I. R. O. demonstrar com a evidência dos fatos, principalmente para aquêles que consideram as religiosas como pessoas retrógradas, e preparo das que estão à frente do movimento de pesquisas e de atualização profissional, e que

na Itália representam os dois terços em sua categoria profissional. Entre elas, 36 religiosas condecoradas com medalhas de ouro pelo govêrno, por seus serviços diuturnos e relevantes prestados em sua obra de caridade.

Publicamos em número anterior (Revista da C. R. B., n.º 25, págs. 385 - 389) o Discurso do Santo Padre o Papa antes do início dos trabalhos; a Assembléia foi encerrada com uma mensagem do Card. Valério Valeri a tôdas as Religiosas Hospitaleiras da Itália.

As Religiosas enfermeiras do Brasil foram representadas por numerosa delegação de Irmãs, que tomaram parte ativa nos trabalhos; a Revda. Irmã Cozzani, Secretária da F. I. R. O., escrevia aos 12 de maio próximo passado à Diretoria da C. R. B.: "é com verdadeira satisfação que cumpro o dever de agradecer a V. Revma. a viva participação que essa respeitável Federação deu à Primeira Assembléia Nacional da F. I. R. O. Nosso Senhor na verdade quis ouvir as orações dos bons para dar à Assembléia Sua Bênção, já que em seu desenvolvimento percebia-se verdadeiramente a mão do Altíssimo que nos conduzia".

Escola Pontifícia para as Mestras de Noviças.

A Sagrada Congregação dos Religiosos desde vários anos está patrocinando um Curso para as Madres Mestras de Noviças, junto ao Instituto das Religiosas da Assunção, em Roma. O programa do Curso compreende aulas e círculos de estudo sôbre Direito Canônico, Teologia da vida religiosa e espiritual, a função da Mestra de Noviças, além de aulas complementares sôbre liturgia e outras matérias. Entre o corpo docente contam-se professôres de renome, como o de S. Excia. Pe. A. Larraona, Secretário da mesma Sagrada Congregação, Pe. E. Gambari, Procurador dos Monfortianos, Pe. Anastácio, Geral dos Carmelitas Descalços, etc., além do Diretor Pe. Philippe O. P. coadjuvado por professores do "Angelicum".

Este ano o Curso foi encerrado com palavras de satisfação pelo Emmo. Cardeal V. Valeri, Prefeito da Sagrada Congregação, e as alunas foram recebidas pelo Santo Padre que com elas rezou o "Angelus". Pela primeira vez um Curso de atualização seguiu ao Curso trienal de formação, para as Mestras que foram aprovadas nos exames do triênio e que desejavam ter conhecimento mais profundo sôbre sua formação espiritual, intelectual e prática.

Agora a Sagrada Congregação dos Religiosos, que o promoveu, e que todos os anos não deixou de expressar sua satisfação pela obra realizada, dada a complexidade desta iniciativa de suma utilidade, por "Augusta dis-

posição do Sumo Pontífice" dignou-se erigir canonicamente estes Cursos numa "Escola", sujeita imediatamente à Sagrada Congregação e com os direitos e privilégios dos Institutos de escolas religiosas. A nova escola tem o título de "Mater Divinae Gratiae" e seu Decreto de fundação é de 15 de março de 1957.

"O venerado documento — transcrevemos de "L'Osservatore Romano" — que o Revmo. Mons. Pietro Palazzini leu solenemente durante a cerimônia de encerramento dos Cursos, releva como eles demonstraram corresponder adequadamente, no importante setor da formação das Mestras de Noviças, às sábias exortações de Sua Santidade Pio XII que, nos últimos tempos, exortou os Institutos Religiosos femininos a uma severa preparação que torne mais eficaz tanto a vida interior e espiritual, quanto o exercício do apostolado".

O documento continua fazendo votos de que a nova Escola, no limite das possibilidades, seja frequentada pelas Mestras de aspirantes, de postulantes, de noviças e de religiosas neo-professas de todos os Institutos, indicando as enormes vantagens que se podem conseguir. São vantagens quanto à perfeição, à atualização do apostolado, a uma maior união e colaboração entre as diversas Congregações, à aquisição do sentido de "catolicidade" mais vivo e de uma formação doutrinária e espiritual mais segura.

"A esta Escola excepcional — conclue L' Osservatore Romano — abre-se um futuro cheio de promessas que o plano orgânico de estudos, introduzido nos Estatutos especiais reconhecidos e sancionados pela Sagrada Congregação, não deixará de tornar realidade com o auxílio de Deus".

Madre Giuliana Tessaro O. P.

Na Casa Mãe da Congregação, em Veneza (Itália), faleceu a Revma. Madre Giuliana Tessaro, Superiora Geral das Irmãs Dominicanas da Bemaventurada Imelda.

Madre Tessaro, alma de vida interior, contava 53 anos de idade e 25 de vida religiosa. Eleita várias vezes para chefiar a Congregação, prodigalizou-se sem medida para seu desenvolvimento, tanto na Itália como aqui no Brasil. A Congregação desde 1946 possuía uma Fundação em Santa Cruz do Rio Pardo (São Paulo), onde atualmente funciona o Noviciado, Educandário para Órfãs, Jardim de infância e um Asilo. Durante seu governo Madre Giuliana visitou por duas vezes a fundação brasileira, e foi sob sua sábia orientação que se abriram as casas de Cornélio Procopio (PR) com Educandário e Santa Casa, e de São Paulo com a Fundação Paulista de Assistência à Infância.

Prudente no agir, a extinta Madre Geral procurava obter a obediência sempre por meios persuasivos e não pela imposição da autoridade. Com seu perene sorriso animava e pacificava as que a procuravam, demonstrando perfeita compreensão das necessidades e dificuldades apresentadas. Por três longos anos suportou doença invencível e dolorosíssima, sem se subtrair às responsabilidades do cargo e aos deveres da vida religiosa, deixando entre suas Irmãs a convicção de ser a verdadeira “mulher forte” da Bíblia.

CORRESPONDÊNCIA DAS SECÇÕES ESTADUAIS DA C. R. B.

Pernambuco.

“... Os cursos de catequética e auxiliares de serviço social estão em pleno funcionamento com grande proveito das alunas religiosas e leigas. Agora, o Departamento de Assistência à Saúde, já organizado com a participação de diversas comunidades, vai promover um curso intensivo para as religiosas enfermeiras. Devido às missões gerais a serem pregadas em quase tôda a Arquidiocese, deixamos a semana de vocações para o princípio do próximo ano. Foi êsse o desejo das Provinciais e Superiores.

Uma comissão de religiosas já visitou todos os hospitais, pedindo orações e incitando os doentes a tomarem parte nas missões; outra comissão de religiosas educadoras já visitou os principais ginásios, também com grande fruto e edificação.

As reuniões mensais têm sido realizadas normalmente, aos segundos domingos, com a presença de umas 200 religiosas. As próprias Irmãs têm feito as palestras. Ontem, uma Irmã Salesiana falou muito bem sobre o espiritismo. Após as reuniões, realizam-se sempre as sessões especializadas. Para as Mestras de Noviças fala Frei Querubim; para as enfermeiras, Pe. Melo S. J.; para as educadoras, Pe. Agostinho S. D. B.; para as catequistas, Dom Felipe O. S. B.; para as superiores, Pe. Aparício S. J.”

Núcleo da C. R. B. em Ponta Grossa, PR.

A 26 de maio p. p. foi realizada a fundação de um núcleo da C. R. B. na cidade de Ponta Grossa, PR, que conta com 3 Congregações masculinas e 6 femininas, com mais de 100 almas religiosas que nela desenvolvem sua atividade.

Após os entendimentos entre o Presidente da Secção Estadual do Paraná e o Exmo. Sr. Bispo Diocesano, foram convocadas as religiosas para a reunião do dia 26. Estavam presentes S. Excia. D. Antônio Mazzarotto, o Pe. Geraldo, Passionista, Presidente da Secção Estadual, o Pe. Henrique

Perbeche, S. V. D. e umas 60 religiosas. Abriu a sessão Sua Excia., dizendo de sua alegria e satisfação, e manifestando sua confiança no novo núcleo de Ponta Grossa que, com suas reuniões mensais e outras iniciativas, viria trazer grandes vantagens e bem espiritual às religiosas e às almas. Em seguida falou o Pe. Presidente, fazendo uma rápida descrição da organização da C. R. B. e acenando a suas vantagens espirituais e até materiais. Terminou dizendo da fonte de energia que deve dar vida a todo êsse maravilhoso organismo e possibilitar as inúmeras realizações da C. R. B., isto é, o amor de Cristo.

Depois da benção eucarística e do canto do "Ubi charitas...", com o aplauso de todos os presentes foi nomeado presidente do núcleo o Revmo. Pe. Henrique Perbeche, S. V. D., o qual fará também as conferências nas reuniões mensais. Como secretária foi nomeada a Irmã Maria Plavinski, e agente de estatística Madre Labercina Thissem, ambas Missionárias Servas do Espírito Santo. O Colégio Santana, à Rua Pinheiro Machado, foi escolhido como séde do núcleo e lugar para as reuniões mensais.

Já teve início um Curso de Deontologia para Religiosas Enfermeiras, ministrado pelo Revmo. Pe. Leo F. Dunn, C.S.R., com aulas quinzenais e a presença de umas 30 religiosas.

Ao novo núcleo nossos parabens e os votos de que possa desenvolver-se com a graça de Deus, e alcançar os frutos mais abundantes para o bem de Deus e a santificação das almas consagradas.

NOVAS FUNDAÇÕES

Jaú, São Paulo — A Maternidade de Jaú e Hospital Dr. Amaral Carvalho é uma instituição de caridade sediada em Jaú e em funcionamento desde 1937; não conseguiu até agora contar com a presença de Religiosas enfermeiras, falta esta que prejudica o funcionamento do referido hospital. A Direção está portanto interessada na vinda de uma Congregação Religiosa feminina que assuma a administração do Hospital. O mesmo possui 50 leitos e atende a obstetrícia, cirurgia geral, ortopedia e clínica.

Almenara, Minas Gerais — Pedem uma Congregação de Irmãs para a administração do hospital local. Cidade em franco progresso, servida diariamente pela Real-Aerovias, com Igreja, ginásio, bom mercado, etc. Os Padres estão dispostos a colaborar com as Irmãs que aceitarem a fundação. O Hospital, com projeto de ampliação, tem enfermarias para homens e senhoras, e 8 quartos. Bons serviços de anestesia e cirurgia. Há instalações independentes para as Irmãs, e Capela para os atos religiosos.

Bemposta (Três Rios), Rio de Janeiro — A Diretoria do Patronato de Menores deseja entregar a administração interna da Fazenda Escola Governador Amaral Peixoto a uma Congregação Religiosa. A Fazenda Escola, cujas obras complementares estão sendo ultimadas, está localizada em terras de 180 alqueires, ótimas para a agricultura, e o prédio principal dispõe de excelentes instalações adequadas à finalidade, não só para os meninos a serem internados, como também para os membros da administração interna. A sua capacidade é para 500 menores de sexo masculino, desvalidos e abandonados.

Campos Altos, Minas Gerais — O Vigário da Paróquia e a Diretoria da Santa Casa do lugar pedem uma Congregação Religiosa que assuma a administração da mesma. As Irmãs poderão auxiliar o Revmo. Pe. Vigário no apostolado paroquial, no catecismo e associações religiosas.

Coronel Freitas (Chapecó), Santa Catarina — O Vigário precisa urgentemente de Irmãs para conservar a religiosidade profunda do povo desta zona rural, com 9.000 habitantes, na quase totalidade católicos, tendo 1.100 famílias de origem italiana e 400 de caboclos. Muitas e boas vocações religiosas. As Irmãs poderão tomar conta do hospital ou do Grupo Escolar.

BIBLIOGRAFIA

R. Pe. François Dantec — **Fiançailles chrétiennes**, para os religiosos e religiosas encarregados de rapazes e moças.

Uma rápida leitura do índice dêste livro com a matéria dividida em vários capítulos, nos dá uma idéia do valor e da oportunidade do mesmo para os tempos atuais em que o conceito cristão da vida conjugal e do valor da santificação da família está em sensível declive.

As elevadas idéias desenvolvidas sob os títulos que abaixo transcrevemos nos testemunham a feliz ocasião de tornar a obra do R. Pe. François Dantec, professor do Seminário Maior de Quimper, difundida não somente entre as pessoas que se destinam ao matrimônio, mas também entre as almas consagradas a Deus

e que têm o encargo de formar jovens para a sua futura missão de espôsas e mães, orientando-as bem, a fim de formarem lares profundamente cristãos e por isso mesmo "colméias" de santidade e de vocações religiosas:

- 1) O casamento, vocação de santidade;
- 2) O casamento, missão, para a Igreja;
- 3) A verdadeira natureza da santidade conjugal;
- 4) A concepção cristã do casamento e seu duplo fim: a fecundidade e o amor mútuo;

5) O sentido cristão do amor: um amor de caridade sobre-natural;

6) O sacramento do matrimônio.

Uma frase que muito diz da importância do assunto tratado no livro: "se marier, est entreprendre ensemble avec le Christ, une ascension qui ne s'arrête que sur les sommets".

Todos os capítulos em uma perfeita harmonia parecem organizados para elevar não só o conceito do sacramento do matrimônio, mas para orientar as almas a encontrarem nêle a santidade pessoal, a de suas famílias e, conseqüentemente, da sociedade, da pátria e do mundo inteiro. "Uma alma que se eleva, eleva o mundo" (Elisabeth Leseur).

Mons. Ascânio Brandão — Os Sete Fundadores da Ordem dos Servos de Maria. Edições Servitas, São Paulo, 1956. 72 págs. com ils.

Verdadeiro canto de cisne esta pequena publicação do falecido Mons. Ascânio Brandão, editada pelos Padres Servitas com a apresentação do Emmo. Sr. Card. D. Jaime de Barros Câmara. Com o estilo que lhe era peculiar, e que o tornou muito conhecido no meio de nosso povo, o autor

dá uma clara visão do conjunto da obra e dos esforços dos Sete Fundadores nos inícios da Ordem, para depois apresentá-los separadamente na segunda parte. Na parte final uma síntese histórica da expansão da Ordem no mundo, e de suas realizações no Brasil.

O Espírito da Ordem da Conceição da Bemaventurada Virgem Maria. Concepcionistas Franciscanas do Mosteiro de Nossa Senhora da Ajuda, Rio de Janeiro, 1954, 24 págs.

Breve exposição sôbre o espírito que anima e rege a Ordem das Concepcionistas franciscanas, publicada como homenagem no 1.º centenário da definição do dogma da Imaculada Conceição. A Ordem, de vida contemplativa, devota um culto especial

a Maria Santíssima, e está imbuida do espírito franciscano de pobreza, simplicidade e alegria; na vida eucarística está o complemento de tôda a santidade que levou à perfeição várias destas almas cujos nomes se destacam nesta pequena publicação.

